

AVILMAR MAIA - "Caixa de Pandora", 38x26x17cm - Resina, pó de granito. 2016.



A ESPECIFICIDADE DA TOXICOMANIA

NOVEMBRO 2016 - Vol 2



EQUIPE EDITORIAL:

Diretora:

Elisa Alvarenga

Editora em português:

Maria Wilma de Faria

Equipe editorial:

Cassandra Dias, Claudia Maria Generoso, Leonardo Scofield, Luiz Francisco Espindola Camargo, Márcia Mezêncio, Maria Célia Kato, Oscar Reymundo, Pablo Sauce.

Editor em espanhol:

Darío Galante

Equipe editorial:

Raquel Vargas, Maximiliano Zenarola, Claudio Spivak, Marcos Fina, Miriam Pais e Estefanía Elizalde.

Consultores:

Judith Miller, Ernesto Sinatra
Fabián Naparstek, Antonio Beneti, Jesús Santiago

Criação, desenvolvimento e editoração:

Bruno Senna

A ESPECIFICIDADE DA TOXICOMANIA
NOVEMBRO 2016 - VOLUME 2

EDITORIAL	5
ADOLESCÊNCIA	
TOXICOMANIA E ADIÇÃO EM UM CASO DE ADOLESCENTE <i>Claudia Maria Generoso</i>	8
UM PARTENAIRE POSSÍVEL PARA A INFÂNCIA INTOXICADA <i>Gabriela Dargenton</i>	11
CONFERÊNCIA	
ENCERRAMENTO DAS JORNADAS DE ESTUDOS DE CARTÊIS DA ESCOLA FREUDIANA <i>Jacques Lacan</i>	15
CLÁSSICOS	
PARA UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O GOZO AUTO ERÓTICO <i>Jacques-Alain Miller</i>	25
ENTREVISTAS	
INTRODUÇÃO	32
NATALIA ANDREINI	33
OSCAR REYMUNDO	36
PABLO SAUCE	38
RAQUEL VARGAS	40
ÉTICA DO CONSUMO	
RESENHA LIVRO JÉSUS SANTIAGO: A RUPTURA COM O GOZO FÁLICO E SUAS INCIDÊNCIAS NO USO CONTEMPORÂNEO DAS DROGAS <i>Lilany Pacheco</i>	44
TEXTOS TEMÁTICOS	
CINCO AXIOMAS APLICADOS À CLÍNICA DA TOXICOMANIA <i>Dario Galante</i>	48
A ESPECIFICIDADE DA TOXICOMANIA <i>Maria Wilma Faria</i>	54
UM TIRANO ABSOLOBO <i>Jean- Louis Aucremane</i>	58
O JOGO DE AZAR: UMA ADIÇÃO SINGULAR <i>Rodolphe Adam</i>	61
A FUNÇÃO DO TÓXICO NA ERA DO HIPERCONSUMO <i>Eugenio Díaz</i>	67



COM A MANDÍBULA DORMENTE

Ana Viganó

70

DE UMA ADIÇÃO A OUTRA

Nelson Feldman

73



EDITORIAL

Elisa Alvarenga (Belo Horizonte, Brasil)

Analista Membro da Escola (AME) da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP)

Após a inauguração da Revista **Pharmakon** Digital com o tema “Imagens e intoxicações”, que privilegiou as adições contemporâneas ligadas ao “império das imagens”, este número de **Pharmakon** Digital endossa a proposta - formulada por Mauricio Tarrab ao final do II Colóquio Internacional da Rede TyA, que aconteceu no dia 3 de setembro de 2015, na véspera do VII Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana - de retornarmos à questão da especificidade da toxicomania entre as adições: o que podemos dizer da fixação de um sujeito ao objeto droga? Haveria uma especificidade da toxicomania em relação a outras adições, características ou não, da contemporaneidade?

O primeiro número de **Pharmakon** Digital fortaleceu o enlaçamento da jovem Rede TyA-Brasil com a sólida Rede TyA-Argentina, com sua versão bilíngue, trazendo novos ares ao trabalho desenvolvido por colegas de outras Escolas da AMP. Já neste segundo número, a estrutura da Rede TyA, que acompanha os contornos do Campo Freudiano, tal como o desejou Judith Miller, seja na América, seja na Europa, é posta de relevo pela escolha dos autores convidados, oriundos de diferentes países do nosso Campo, homenageando o esforço de Judith Miller para fazer existir uma verdadeira Rede de investigação, que nos permite avançar na abordagem das toxicomanias, alcoolismo e outras adições, dentro da orientação lacaniana da psicanálise.

Partimos da Conferência de Lacan de encerramento às Jornadas de cartéis da Escola Freudiana de Paris, em abril de 1975, na qual Lacan avança uma definição até então inusitada: “a droga é o que permite romper o casamento com o pequeno pipi”. Esta Conferência de Lacan, onde está em pauta o *parlêtre*, correlato de uma definição do inconsciente a partir do furo, nos permite pensar a droga como aquilo que possibilita um rechaço mortal do inconsciente. Agradecemos a Jacques-Alain Miller pela autorização para publicá-la, assim como para republicarmos seu texto, clássico na Rede TyA, “Para uma investigação sobre o gozo autoerótico”. A partir de sua tese da experiência toxicômana como insubmissão ao serviço sexual, Miller propõe uma diferenciação entre o gozo da droga e o gozo homossexual, e finalmente, entre o gozo da droga e o gozo autoerótico, masturbatório, que não passa pelo corpo do outro, mas que assegura ao sujeito seu casamento com o pequeno pipi. Este último, que passa pelo gozo fálico e é compatível com a presença do outro imaginário na fantasia, nos permite pensar a especificidade da toxicomania que não passa pelo Outro, nem tampouco pelo gozo fálico. A partir dessas premissas, que orientam este número de **Pharmakon** Digital, cada autor tratará, à sua maneira, nossa questão.

Na Seção Entrevistas, quatro colegas – Oscar Reymundo, Pablo Sauce, Raquel Vargas e Natalia Andreini – respondem às duas perguntas formuladas, destacando o que, para eles, constitui o específico da fixação à droga. A genial idéia de Lacan que evoca o gozo toxicomaniaco com a figura “das cócegas à labareda” pode nos servir

para pensar a diferença entre as adições, onde o falo ainda opera, e as verdadeiras toxicomanias.

Os textos temáticos mostram, de diferentes perspectivas, a especificidade da toxicomania, ou ainda, sua diferença com adições específicas. Como aponta Maria Wilma Faria, se na primeira impera a fixidez de um modo de gozo, nas segundas temos a repetição significante. Trata-se de saber de que substância falamos quando a droga se introduz no corpo, cuja substância é para Lacan “substância gozante”. Darío Galante ressalta a importância do termo *parlêtre* e do sintoma como acontecimento de corpo, para destacar os princípios éticos presentes em cinco axiomas, propostos por Jacques-Alain Miller, que nos orientam ao receber sujeitos hiper-modernos, tais como os encontramos na clínica das toxicomanias. A figura do adicto nos serve como contra-exemplo para destacar a especificidade do gozo do álcool ou da droga: Rodolphe Adam mostra como a figura do jogador permite diferenciar, desde Freud, os determinantes de um caso de adição daqueles de um caso de toxicomania, assim como Nelson Feldman, em um caso de adição à pornografia, revela suas determinações significantes. Por outro lado, Jean-Louis Aucremane apresenta um caso tratado institucionalmente que demonstra as coordenadas da escolha da droga e a direção do tratamento de um verdadeiro toxicômano. Eugenio Díaz mostra que a função da droga como bússola clínica permanece vigente, apesar das “neurociências do consumo” e das adições contemporâneas, enquanto Ana Viganó aponta como a “narcocultura” permite uma aproximação com a face mais obscura do objeto droga e sua satisfação alojada no corpo.

Na Seção Adolescência, Gabriela Dargenton e Cláudia Generoso compartilham sua prática clínica com crianças e jovens, e as aporias e invenções na direção do tratamento de pacientes usuários de drogas cada vez mais jovens, mais um desafio para a Rede TyA.

E finalmente, na Seção “Estética do Consumo”, temos a resenha, por Lilany Pacheco, do livro de Jesús Santiago, *A droga do toxicômano*, que será brevemente relançado entre nós, levando em conta o alcance e o atual horizonte clínico desenhado pelo ultimíssimo ensino de Lacan. A discussão exaustiva da tese de Lacan sobre a droga nos levará às diferentes possibilidades de coexistência ou exclusividade entre a forclusão do gozo fálico e a forclusão do Nome-do-Pai, abrindo novas perspectivas de investigação.

Agradecemos mais uma vez a Judith Miller, por haver sustentado a aposta do Campo Freudiano na Rede TyA, e a Jacques-Alain Miller, pelo apoio para publicarmos o texto de Lacan e o seu, pedras angulares para a clínica das toxicomanias. E finalmente, agradecemos a Mauricio Tarrab - cujo desejo nos orientou no desafio de retornarmos, de maneira decidida, à especificidade da toxicomania no vasto campo das adições - assim como aos autores que nos acompanham nesta empreitada.

Boa leitura!

Elisa Alvarenga



ADOLESCÊNCIA

TOXICOMANIA E ADIÇÃO EM UM CASO DE ADOLESCENTE*

DRUG ADDICTION AND ADDICTION IN A TEENAGER CASE.

Cláudia Maria Generoso (Belo Horizonte, Brasil)

Psicanalista, Psicóloga em Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas, Coordenadora Adjunta do Núcleo de Toxicomania do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais

Resumo: A partir de um caso clínico pretende-se traçar uma diferenciação entre toxicomania e adição na adolescência.

Palavras chave: adolescência, toxicomania, adição.

Abstract: From a clinical case it is intended to outline a distinction between drug addiction and addiction in adolescence.

Keywords: adolescence, drug addiction, addiction

Se a diferenciação entre toxicomania e adição é algo difícil de fazer, na adolescência tal diferenciação torna-se ainda mais imprecisa. Nesta fase a busca por novas experiências se faz presente, de objetos de consumo a jogos virtuais e também o uso de substâncias no corpo como o álcool e outras drogas. O uso de drogas nem sempre se torna uma toxicomania e pode funcionar como um fenômeno de socialização e separação da vida infantil, uma forma de lidar com a mutação do corpo e o chamado ao não saber sexual. Já a toxicomania, podemos situá-la como o que Miller (1995) nomeou de gozo autoerótico e rompimento com o Outro. Recorro ao caso de *Fumaça* para tentar distinguir estas duas vertentes: adições e toxicomania.

Fumaça tinha 17 anos quando foi trazido pela mãe devido ao uso de drogas e envolvimento criminal. Estava ameaçado de morte por causa de dívidas com o tráfico, o que levava a família a mudar constantemente. O modo de se vestir e falar eram típicos do mundo *hip-hop*: boné, correntes e roupas que aos olhos da mãe pareciam de bandido. Não se reconhecia sem o boné e as correntes, com uma cruz ao pescoço. Dispunha-se a mudar de vida, tinha deixado as drogas há alguns dias, assim como o crime. *Fazia tudo que a mãe queria e mesmo assim ela o xingava* querendo mais mudanças. Distinguia as funções das drogas que usava: cocaína quando precisava *ter coragem para fazer ações do crime, como roubar e matar; loló*, devido ao seu efeito rápido, que o deixava tonto; maconha para acalmar seu corpo e seu pensamento.

Conheceu a maconha aos 12 anos através de um amigo que se tornou uma referência em sua vida, mesmo achando ser um caminho errado. Diz ter sido *viciado* em jogos de computador *Grand Theft Auto* (GTA) aos nove anos, pois gostava da temática das brigas de facções, roubos e mortes, mundo que o atraía. Na mesma época começou a roubar impulsionado pelo amigo. Aos treze passou a vender drogas e se envolveu no tráfico na função de *vapor*. Encontrou também a turma do bairro que considera como família, passando a ser *reconhecido e respeitado*. O apelido *Fumaça* deve-se ao fato de estar sempre envolvido pela fumaça da maconha.

Foi em um dos movimentos do tráfico que o melhor amigo morreu, após o que começou a matar pessoas para os traficantes. Ao fazer os disparos as pessoas gritavam pedindo para não serem mortas. A lembrança

destes gritos retorna *perturbando-o*, sendo um dos motivos que o levam a usar maconha: relaxar, afastá-los de sua mente. Perturbação que denomina *lembranças do mal que fez aos outros*. Sente-se nervoso e não gosta que evoquem o nome da *pelada*, referindo-se ao termo *desgraça*, morte. Ao ver o amigo morto apropria-se da cruz que ele trazia ao pescoço. Passa a considerar que carrega a cruz da morte do amigo, mesmo não sendo o autor do crime. A morte sempre ronda sua vida, das ameaças em que se coloca à fala da mãe: *por que você foi nascer?* Nomeia-o *mentiroso, folgado, sem juízo*, ameaça largá-lo sozinho no mundo, embora sempre se disponha a mudar com ele de endereço. O pai não o assumiu como filho. Dele ficou com as marcas do *vício pelo jogo* (cartas, máquinas eletrônicas, futebol) e a nomeação materna de ser *folgado e sem juízo*, assim como o pai.

Associa o encontro com as drogas ao abandono sentido aos 11 anos, ao perceber que a mãe cuidava mais da irmã caçula. A segunda gravidez da mãe coincidiu com a fase em que *Fumaça* passou a dar problemas na escola, encontrando o amigo que tomou como referência. Momento delicado com a entrada na puberdade, passando a ter sentimentos inquietantes de abandono e a eleição de um Outro do crime como referência na vida. Segundo Miller (2016, p. 24), atualmente “a puberdade desemboca sobre uma realidade degradada e imoral” em que os jovens evocam o grande Outro sob uma forma aviltada e nociva. No movimento de saída da infância, *Fumaça* encontrou na turma do bairro *outra família*, compartilhando *rolezinhos*, roubos, drogas, levando-nos a pensar no que Miller chamou de socialização sintomática.

Durante o tratamento *Fumaça* evidenciou comportamento irritadiço, sempre falando sobre o *crime e vontade de matar alguém*, causando incômodo às pessoas. Era constante o pedido de remédio para ficar calmo e não se importar com os problemas em casa, com a *falação e exigências* da mãe. Muitas vezes tomava medicação a mais e, mesmo sonolento, insistia em ser medicado. Buscava com a medicação os mesmos efeitos que obtinha com a maconha: acalmar-se, função singular dessa droga para o mal-estar vivenciado no corpo. Avaliava sentir-se melhor com a maconha, sem ficar *dopado*, e pensava em retomar o uso desta droga.

O mundo das drogas e do crime era uma perspectiva que sempre retornava, sendo atormentado por pensamentos de *vender a alma para o demônio e conseguir o que queria*, tal como ter a ex-namorada a seu lado. Soube por um traficante que, ao fazer esse pacto, teve tudo o que desejava. Mas a namorada, assim como a mãe, exigia que ficasse *limpo*, sem as drogas e o crime. Resistia ao pacto por saber que seria cobrado pelo diabo, que tomaria sua vida ao matá-lo. Considera o caminho fora do crime e das drogas muito *devagar*, não vê efeitos imediatos do que quer, sugerindo um movimento de curto-circuito entre o ver e o concluir que tem se mostrado mortífero. É sobre esses conflitos que conversamos em seu tratamento, apostando na possibilidade de ter um tempo maior para conseguir construir caminhos menos devastadores.

O comentário de Maria Wilma aponta para as diferentes funções do uso das drogas na vida de *Fumaça*, delimitando as vertentes da toxicomania e das adições. A maconha como droga de preferência cumpre uma função de aplacar a angústia sentida em seu corpo e nas lembranças perturbadoras concernentes à morte, sugerindo-nos mais a vertente da toxicomania. Como diz Miller (1995), é “um objeto da mais imperiosa demanda”, numa relação de gozo sem limites, causando o apagamento do sujeito. É a mesma função que buscava com a medicação, entrando no movimento reiterado de desligamento designado por ele como *acalmar, afastar o mal-*

-estar que não cessava. É com essa droga que ganhou uma identidade através do apelido *Fumaça*, apresentando o efeito de nomeação. Na vertente dessa designação, fumaça pode ser tanto o que o apaga frente à visão do Outro, ofusca, quanto o que lhe dá uma posição de ser *respeitado*. Quanto à cocaína e o *loló*, são usados com certa medida para dar coragem de cumprir uma tarefa, se divertir com a turma. Já a maconha exerce um papel ambíguo de desligá-lo, separá-lo da perturbação que retorna pela via materna – a morte – e de lhe dar um lugar simbólico.

Sobre a adição, podemos situá-la antes da relação intoxicante com a maconha, quando era *viciado* em jogos GTA, reeditando um traço advindo do pai. Essa vertente de sua adição se configura pelas marcas paternas transmitidas pela mãe: *sem juízo, folgado e viciado (adição) em jogos*. Valendo-se disso é que opera, mesmo com toda a debilidade, este pai. Podemos indagar, assim, se as drogas – e com elas as ameaças de morte, o apagamento do sujeito – não seriam, a princípio, uma maneira deste jovem romper e se separar do Outro parental, muito mais do que uma maneira do falasser encontrar seu lugar no mundo, oferecendo uma brecha para a toxicomania.

*Caso clínico apresentado no Núcleo de Toxicomania (TyA) do IPSM-MG em 05/04/16 e comentado por Maria Wilma Faria, a quem agradeço as contribuições.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MILLER, J.- A. “Em direção a adolescência”, In: *Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. Nº 72. São Paulo: Edições Eolia, 2016, p. 20-29.

MILLER, J.- A. “Para uma investigação sobre o gozo autoerótico”, *Fundamentos de la clinica I*. Buenos Aires: Atuel – TyA, 1995. Tradução de Silvia Miranda e Revisão de Lúcia Grossi (Cadernos de Textos Equipe Pesquisa PROPIC, 2008).

UM PARTENAIRE POSSÍVEL PARA A INFÂNCIA INTOXICADA

A POSSIBLE PARTNERSHIP FOR THE INTOXICATED CHILDHOOD

Gabriela Dargentón (Córdoba, Argentina)

Analista Membro da Escuela de la Orientación Lacaniana (EOL) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), Analista da Escuela AE (1999-2002), Responsável do Departamento de Investigação de Psicanálise com Crianças CIEC N.R.C., Diretora Editorial da Revista “Notas de Niños”.

Resumo: O trabalho propõe abordar a questão das adições na infância e o particular lugar do analista nela.

Palavras-chave: infância, adições, psicanálise

Abstract: The papers deals with addictions in childhood and the role of the psychoanalyst therein.

Keywords: childhood, addictions, psychoanalysis

Tive que constatar na clínica que o problema do consumo de álcool, em casos que recebi em meu consultório privado, adquiria contornos jamais vistos antes. Não me refiro somente à quantidade (nem do que consomem, nem das demandas), mas, ao destaque para a idade precoce que têm aqueles que consomem – apenas 10, 11 anos – e a natureza, diria, de cada uma dessas demandas de crianças.

Foi necessário deter-me em uma detalhada exploração clínica para escutar a qualidade do *partenaire* em questão, em cada caso (o álcool, embora talvez, mais precisamente, o cantilzinho) e a trama em que esse parceiro se introduziu na economia libidinal da criança. Quero dizer que, em alguns casos o consumo de álcool não foi o motivo da consulta, talvez nem fosse sua demanda, mas que foi necessário um trabalho sereno e seguro para descobrir, com cada uma, o que continha “o cantilzinho dentro da mochila”. Ali se recortou, após um tempo de trabalho, um gesto que repetia sem pensar: tocar no lado interno da mochila onde escondia esse objeto, o que a aliviava.

O *partenaire* analista que fui, frente a cada um, em nenhum caso se vestiu de supereu, nem apelou ao par proibição-permissão do consumo. Mas cada um mostrava uma via em que o Um sozinho do corpo prevalecia, e o falante não estava ali para dizer, para comparecer diante do Outro, sobre o fato de como foi que essa satisfação chegou a essa solidão. Algo emudecia, na forma de um silêncio na borda mesma do corpo, onde a satisfação do consumo vinha não cessar de não se escrever. A esse lugar singular, o de encarnar silenciosa, porém com expectativa de que “há algo a se dizer”, foi parar o desejo do analista em cada caso, pelos meandros de seus gostos singulares. Não esquecia J.-A. Miller quando nos disse: “O real do vínculo social é a inexistência da relação sexual. O real do inconsciente é o corpo falante” (Miller, 2014, p.31). Arrancar palavras do silêncio com que se tamponava a satisfação e o buraco oral, foi a aposta.

O fato de que a demanda, em cada caso, não se originasse no problema crucial do consumo não foi um obstáculo.

Pelo contrário, foi a via que me permitiu entrar e escutar a função que o álcool tinha para cada um. E ao fazê-lo, escutar o paradoxo que consistia em um funcionamento que, estando destinado a suportar o laço social (senão a inibição paralisava o corpo), tinha por consequência ficar “chapado”. Quer dizer que, ao mesmo tempo em que se separava do Outro, o construía de uma maneira possível de abordar: o mundo não era tão grande.

É nesse sentido que disse que, embora o álcool como substância tome certa independência depois nas consequências de gozo que escreve no corpo, é o cantilzinho que dá a consistência de um objeto que alivia, quando é tocado a cada manhã antes de sair. Era um objeto sobre o corpo que assegurava que suportasse o laço social.

Éric Laurent (1991, p.71) assinalava que é “na toxicomania onde se observa o esforço mais sustentado, de encarnar o objeto do gozo em um objeto do mundo. (...) e que nisso o que se busca é a verificação do vazio que rodeia o gozo no ser humano”.

ÉPOCA, CONSUMOS E PAI

Verificamos, cada vez mais, como a transformação da ordem simbólica e com ela a queda dos semblantes que trançavam uma rede envolvendo o Real transformou, entre outras coisas, as formas familiares e os elementos que a constituíam. O pai, que tinha como mérito ser um guardião da lei do desejo, é hoje o filho de lalingua, um instrumento possível entre outros para ligar as satisfações diversas entre o corpo e as palavras. Em um século onde, como dizem os sociólogos, o bem mais precioso é o trabalho (por sua falta), o pai do *Seminário XVII*, esse que se define por ser “o que trabalha” no sentido do Mestre Moderno, hoje é mais um escravo, se é que tem um trabalho.

Pais presentes no discurso das crianças, em sua condição de “grandes trabalhadores” me demonstravam como o consumo na infância, não vem necessariamente atrelado à psicose, mas que também pode apoiar-se em uma idealização imaginária do pai por parte da criança que, se não deixa anônimo o desejo, o torna inalcançável.

Desse modo, a idealização e a solidão infantil poderiam ser as duas faces da mesma moeda. Quanto maior a Idealização na época do Outro que não existe, mais afetado pelo sozinho “no corpo”. Vale dizer que se a consequência Real do pai na língua se esfumaça, evapora, a idealização se transforma em muitos casos em uma experiência de exigência superegóica vazia. Assim, o corpo da criança fica à mercê de qualquer encontro fatídico que alivie ou dissipe em algo, o empuxo feroz do supereu.

Em um tempo onde nenhum ideal está convocado a responder em relação a algum laço, o efeito do consumo de álcool na infância, como experiência no corpo, acompanha uma solidão que se aprofunda e toma a cara da pulsão de morte. Na época atual a oferta de trabalhos cada vez mais competitivos e com regimes de exigência infernais, ocupam grande parte do gozo do pai. Este desdobra sua satisfação entre a obtenção fálica, em certo sentido viril de sua posição como chefe da família, e a satisfação de obter objetos de consumo à altura da época. A contrapartida é, em muitos casos, também dupla: a solidão dos corpos e, por outro lado, o que ressalto ser a característica mais difícil de tratar em casos de crianças, a interpretação que a criança tem do pai idealizado, para lidar com essa forma de presença paterna, uma operação subjetiva da criança.

Em seu livro, F. Naparstek desenvolve detalhadamente as diferenças que se encontram entre as distintas

concepções de Lacan em relação ao pai e sua incidência sobre o consumo. Ele assinala claramente que: “ (...) esse pai ideal tem uma contraface, de tão morto que é, de repente aparece, ainda que seja em uma festa de vez em quando, aparece a ferocidade do gozo. O que se apresenta é o que não pode tramitar, esse gozo que é sempre inerente à vida, ou melhor, aquilo que do pai não se pode terminar de matar” (Naparstek, 2005, p.69). É uma bela fórmula de indicar um caminho ético possível que atravesse o ideal em favor de capturar algo do Real em jogo. É preciso para isso, como diz Jaques-Alain Miller “ chegar às tripas com a interpretação” (Miller, 2014, p. 32).

Tomara que a psicanálise possa oferecer um tipo de laço onde o objeto em jogo possa revelar sua condição de semblante e o analista possa por sua vez, captar também essa forma singular que tem o real em cada sintoma para reinventar, a partir daí, com cada criança, um mundo no qual viver como criança não ter por condição “ser um adulto”.

Tradução do espanhol: Maria Wilma S. de Faria

Revisão: Márcia Mezêncio

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LAURENT, E. “Del hacer al decir. Sujeto, goce y modernidad. Nueva serie”, Ed. Plural, 1991.

MILLER, J.-A. “El inconsciente y el cuerpo hablante”, en *Revista Lacaniana* n° 17, Ed. Grama, Noviembre 2014.

NAPARSTEK, F. “Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo”, Ed Grama, 2005.



CONFERÊNCIAS

ENCERRAMENTO DAS JORNADAS DE ESTUDOS DE CARTÊIS DA ESCOLA FREUDIANA*

CLOSING OF CARTEL STUDY DAYS OF FREUDIEN SCHOOL

Jacques Lacan

Resumo: No texto o autor apresenta a estrutura de um cartel, bem como os dispositivos da Escola. Articula o furo do simbólico com o corpo enquanto imaginário e com o real sem sentido. Lacan afirma que a droga é uma forma de romper o casamento com o « pequeno pipi ».

Palavras-chave: cartel, gozo, castração, falo, droga.

Abstract: In the text the author presents the structure of a “cartel” as well as other devices of the School. He articulates the symbolic hole with the body as imaginary and with the senseless real. Lacan states that the drug is a way of breaking the marriage with the « little peepee ».

Keywords: cartel, jouissance, castration, phallus, drug.

Disse algumas coisas e lamento que minha querida Solange não estivesse lá, mas - embora seja um hábito seu! - ela não poderia estar em toda parte ao mesmo tempo. Então, vou repeti-las para ela. Disse algumas coisas cuja essência fazia referência à matemática e, para dizê-lo, eu partia - dado que essa é a lei da fala, que se faça referência a falas anteriores - de Bertrand Russell, que não é um recém-chegado entre os matemáticos, longe disso, pois foi ele que, nos *Principia* - que vocês conhecem, suponho, cujo título, pelo menos, vocês têm na cabeça -, chegou a enunciar que os matemáticos não sabiam do que falavam. Propus uma modificação dessa fórmula a alguém com alguma formação matemática, e obtive a aprovação de outra pessoa que não conheço: uma jovem que se apresentou a mim, depois, como matemática. Parece que, para ela (não sei se para o matemático do qual falei o que eu disse fez sentido), o fato de eu ter substituído o “não sabem do que falam” por um “pelo contrário, eles sabem muito bem de quem falam” lhe trouxe alguma satisfação.

Evidentemente, por ora, me limitarei a isso, pois, chamar de matemática esse “de quem” - que pode ser suportado por um nome, por uma referência - é dar à matemática, como me foi observado, o valor de uma pessoa. Podemos questionar isso. Certamente fizeram objeções. De todo modo, se poderia sustentar que uma pessoa, podendo ser considerada essencialmente como o que é substância para um pensamento, quer dizer, o que chamamos de substância pensante, não exclui que se possa impelir as coisas longe o bastante para identificar a matemática a uma pessoa.

Mas, se estive presente nesse lugar onde se discutia a função do cartel, é por eu ter insistido particularmente no fato de que aquilo que eu havia dito em minha proposição para o funcionamento da Escola, depois dessas Jornadas, recebesse (é assim que nos expressamos) um vivo impulso. Gostaria que a prática desses cartéis que imaginei se instaurasse de maneira mais estável na Escola.

Não posso dizer doravante o ponto central para o que justifica a indicação do termo “cartel”, pois não vejo a razão de fazer uma ruptura. Até o momento, é preciso dizer que cada um fez ato de candidatura para ser

membro da Escola apenas a título individual. É assim que isso ocorre. Nós vimos, no âmbito de um organismo chamado Diretório, se admitiríamos, ou não, alguém como membro da Escola. No entanto, fica bem claro, bem assentado no princípio do que regula a admissão à Escola, que não é de modo algum obrigatório ser analista. Pelo contrário, a Escola tem a aprender de qualquer um formado em outra disciplina diferente da psicanálise, que possa contribuir com o que chamamos comumente de seus conhecimentos, para depositá-los no dossiê daquilo que, certamente, falta a nós, analistas – o que está demasiado provado –, a fim de nos trazer algum material com o qual possamos, em suma, dar suporte à nossa prática. É inclusive sobre isso que se baseia a ideia da necessidade de se lançar um termo e, assim, este ano, escolhi o termo consistência para designar justamente o que resiste, o que tem alguma chance de fazer parte de um real.

Então, o que deve ser explicado no que propus, no meu enunciado, em minha proposição, é que se entre na Escola não a título individual, mas a título de um cartel, o que seria evidentemente almejável ver se realizar daqui em diante, e que, eu lhes repito, não pode doravante ser definido como sendo a condição, mas seria almejável que isto entre em suas cabeças, ou seja, que se entra na Escola por meio de muitas cabeças e em nome, a título, de um cartel.

Há um segundo aspecto nessa noção de cartel, razão pela qual o proponho (uma vez que ainda se está nele) como constituído por um número que não vai muito longe, um número mínimo. Por que esse número mínimo? Eu o enunciei como quatro, já que eu disse três mais uma pessoa e não ousei ir além de cinco, aos quais, adicionando uma pessoa, faz seis. A razão de eu considerar almejável que o cartel seja de quatro a seis é o que deve ser justificado e o que espero articular suficientemente, talvez, já em meu próximo seminário, uma vez que penso não haver agora mais do que dois deles antes de finalizar o ano, dado que o anfiteatro ocupado por mim e no qual vocês são numerosos – demasiado numerosos a meu ver – deverá ser mobilizado em função dos exames, a partir de um certo momento de maio que ainda resta a ser determinado.

Portanto, espero justificar, nesses dois últimos seminários, justificar para vocês, para seu entendimento, porque esse número mínimo é exigível, porque, em suma, é necessário que ele não ultrapasse esse número.

Para isso, há razões, que espero fazê-los entender, ligadas à própria estrutura que, todavia, não diminui esse número abaixo de uma certa taxa e considera especificamente como demasiado pouco o dois e até mesmo o três. Terei de justificar isso porque, evidentemente, insisti bastante no três, a fim de que ele pudesse parecer almejável. Porque o quatro é, em primeiro lugar, eu lhes repito, o que resta a ser bem situado.

Há, no entanto, coisas que deveriam nos incitar a ter menos prudência, digamos, uma menor prudência que seria também um menor rigor. De todo modo, é uma experiência patente o fato de existirem comunidades chamadas de religiosas – não por acaso –, que nunca viram, até mesmo nunca viram sem reticências, essa limitação do número. Parece não haver limites para o que a comunidade religiosa possa representar. Isso por certo não é sem razão. E são razões que, eu lhes repito, espero poder fazê-los entender. O anonimato que preside a comunidade religiosa é alguma coisa que já deve fazê-los pressentir que, nesse pequeno número, há um laço pelo fato de cada um portar, nesse pequeno grupo, seu nome.

É inegável não termos o mesmo objeto que aquele que domina o fato da comunidade religiosa, pois aquilo

que nos interessa em nossa prática não é o que interessa a uma comunidade religiosa. Quando a chamo de “religiosa”, é uma maneira de falar. Quero dizer que não ponho todas as religiões no mesmo saco. Já especifiquei qual é a que domina naquilo que podemos chamar de nossos confins, a saber, a cristã, que provém da judaica e a porta ainda de maneira bem singular. As relações entre a comunidade judaica e a comunidade cristã são marcadas por alguma coisa, em relação à qual espero que o termo sobrevivência, para designar a maneira como a judaica continua a ser levada pela cristã, não lhes pareça exagerado. É uma forma de conotá-la, poderia haver muitas outras maneiras de indicá-lo, maneiras que eu, talvez, retome na sequência.

A comunidade religiosa tem como fundamento o que se pode designar, de maneira não demasiadamente inadequada, como um mito, o mito que designa esse Deus, que está muito longe de ser simples, ele é inclusive complexo, tão complexo a ponto de ter sido necessário à comunidade cristã se deixar forçar a mão e articulá-lo como trinitário. Já disse, em certa ocasião em meu seminário, o que eu pensava sobre isso: não foi apenas a comunidade cristã que se deu conta do fato de que não havia Deus sustentável senão triplo.

O curioso é que evidentemente muito se falou, muito se escreveu sobre essa trindade, mas nunca se deu nenhuma justificativa disso, claro, e acredito, com ou sem razão, ser um privilégio meu ter dado, por meio de meu nó de três, uma forma do que se poderia chamar de seu real.

Alguém me informa ter visto na Biblioteca Nacional, numa exposição de miniaturas – eu lhes informo porque o acolho com muito interesse –, alguma coisa que estaria atualmente (a pessoa tomou nota) na Biblioteca Municipal de Chartres. Então, alguém teria visto (espero vê-lo porque, afinal, deve ser verificado) um nó borromeano tendo ao lado o enunciado “trinitas”. Ele teria visto os três pequenos traços com os quais, como vocês sabem, eu eventualmente simbolizo esse nó borromeano, esses pequenos traços que se cruzam de uma certa maneira, à maneira como são feitos os feixes com os fuzis: juntam-se três fuzis e eles se mantêm de pé, eles se escoram circularmente um sobre o outro. Não lhes disse isso no seminário porque não me parecia dizer muita coisa, mas todo mundo sabe que, em algo que serve de símbolo para um certo gaelismo, e até mesmo para uma Bretanha que está se despertando, o *triskel* é o que realiza esses três pedacinhos, tais como habitualmente eu os desenho no quadro como ponto de partida. Então, a esse triskel reduzido – que é também um nó borromeano tanto quanto a forma completa – se juntaria a indicação escrita “trinitas”.

O que, de tudo isso, se relaciona conosco? Nossa relação se limita ao fato de que, se eu definisse alguma coisa que se poderia chamar de análise, eu a chamaria não de religião de um Ser Supremo qualquer, como acontece com muitos entre nós que nunca puderam se separar disso. Eu já disse que não tenho sequer a certeza de não ter sido pego em flagrante delito de deísmo, o que talvez vocês possam ver em seguida: se falo de religião do desejo, de todo modo não parece ser nem mesmo isso, sobretudo se o desejo me parece estar ligado não somente a uma noção de furo, de furo onde muitas coisas turbilhonam de modo a ali se fazerem engolir, mas, apenas o fato de aqui juntar essa noção de turbilhão é, evidentemente, para tornar esse furo múltiplo. Com isso quero dizer fazê-lo ao menos conjunção. Para vocês desenharem um turbilhão, lembrem-se de meu nó em questão, é preciso ao menos três para que isso constitua um furo turbilhonante. Se não há furo, não vejo muito bem o que temos de fazer como analistas. E se esse furo não for pelo menos triplo, não vejo como poderíamos

sustentar nossa técnica que se refere, essencialmente, a alguma coisa que é tripla e que sugere um triplo furo.

De todo modo, no que diz respeito ao simbólico, é certo que há algo sensível que faz furo. É não apenas provável, mas também manifesto, que tudo o que se refere ao imaginário, ou seja, ao corporal - foi o que surgiu primeiro -, não apenas faz furo, pois a análise pensa tudo o que se refere ao corpo nesses termos. Toda a questão é saber em que a incidência da linguagem, a incidência do simbólico é necessária para pensar o que, em torno do corpo, na análise, foi pensado como ligado, digamos, a diversos furos. Não é preciso sublinhar aqui o quanto o oral, o anal, sem contar os outros que acreditei dever acrescentar a eles para dar conta do que é a pulsão, não é preciso enfatizar que a função dos orifícios no corpo ali está justamente para nos designar que não é um simples equívoco transportar o termo “furo” do simbólico para o imaginário.

Sobre o tema do real, está claro que tento fazer esse real funcionar a partir desta simples observação: defini-lo como universo é impô-lo como cíclico, como circular; é introduzir nele o Um - pois é esta a noção de universo -, é fazê-lo englobante em relação a esse corpo que o habita, é fazê-lo mundo. Não tenho certeza de que o real constitua um mundo, e é bem por essa razão que tento articular alguma coisa que diga, que ouse avançar, pela primeira vez, que não se tem certeza de que o real faça um todo. Evidentemente, é difícil ver qual física se poderia instaurar, a não ser admitindo que pelo menos algumas porções desse universo são isoláveis, fecháveis. É nisso que se baseia, penso que vocês o saibam, a própria noção de energia. A ideia segundo a qual a energia é constante é o princípio mesmo e a base sobre a qual se sustenta a própria noção de lei em física, e a ideia de que há um todo é alguma coisa sem a qual não se pode ver muito bem como a ciência se sustentaria.

Mas, afinal, é curioso que não tenhamos mais nenhuma ideia perceptível dos confins desse universo e o que anticipo, em suma, me atrevo a antecipar, é algo que, a princípio, seria o seguinte: nada nos obriga, a nós analistas, a fazer do real alguma coisa que seja um universo, algo que seja fechado. A ideia de que esse universo é simplesmente a consistência, a consistência de um fio que se sustente, não basta para fazê-lo cíclico. Isso, porém, já é bastante como hipótese e, para nós, pode ser suficiente. Quero dizer que com dois ciclos e uma reta infinita – o que já é avançar muito quanto ao real - fazemos um nó, um nó borromeano que se sustenta por completo, que constitui verdadeiramente um nó.

De modo que podemos sustentar a ideia segundo a qual o real não é todo. Trata-se, de todo modo, de um resseguro que também, talvez, não deixe de interessar aos físicos, e os físicos chegarão a formular a ideia de que talvez se possa pensar o real sem pôr nele uma constância, a constância chamada de energia. E é bem aqui que já se esboça a ideia de que a constância não é a consistência. Reduzir a constância à consistência talvez seja algo que os físicos possam sustentar.

Mas, afinal, não estou aqui para engajá-los em uma física a advir. Nossa questão é nos darmos conta disto que é impactante em toda nossa experiência histórica e que nos é essencial, a saber: há nomes. E o fato de haver nomes parece ser algo completamente nodal. Quero dizer que, até onde chega a memória da humanidade, deu-se nomes às coisas, o que está inclusive em Freud e deve nos interessar. Não foi a troco de nada que, quando escrevi “A Coisa freudiana”, eu me lembro, havia à minha volta um monte de pessoas desgostosas: “Por que é que ele chama isso assim, *a coisa*, é vergonhoso, tudo o que tentamos é justamente opor-nos à reificação”.

Nunca fui dessa opinião, nunca pensei que quando se produziu uma ruptura, como a de 53, foi por divergirmos quanto ao fato de reificar ou não reificar aquilo de que se tratava na prática. Tratava-se de reificar da boa maneira. Se chamei algo de a Coisa, nomeadamente “A Coisa freudiana”, foi evidentemente para indicar que há algo de Freud na Coisa, na Coisa nomeada por ele que é o inconsciente, e o termo “freudiana” não tem aqui de modo algum a função de um predicado. Não se trata de uma coisa que, *a posteriori*, tem a propriedade de ser freudiana. Certamente, é pelo fato de Freud tê-la enunciado que ela é uma Coisa e, como sugeri a alguém recentemente, falar do inconsciente como daquilo que não existia antes de Freud, não é uma maneira tão má de se expressar por uma boa razão: é que, afinal, uma coisa só ex-siste, só começa a operar a partir do momento em que ela é realmente nomeada por alguém.

Então, a partir de nossa experiência, tento chegar a reduzir esse nomeável porque, de todo modo, podemos nos permitir recobrir todo tipo de coisas com nomes. Isso sempre foi feito a torto e a direito. Tento me restringir a nomear apenas o que chamo, junto com Freud, o *Urverdrängt*, o que se resume, em suma, a nomear o furo. Trata-se de partir da ideia de furo, de dizer não “fiat lux”, mas “fiat furo”, e pensem que Freud, ao avançar a ideia de inconsciente, não fez outra coisa. Muito cedo, ele disse haver algo que faz furo e à sua volta se reparte o inconsciente. E este inconsciente tem a propriedade de não ser mais que aspirado por esse furo, tão bem aspirado que não se tem o hábito - cabe dizê-lo - de reter sequer um pedacinho dele, ele se safa por completo dentro desse furo. Então, falar da Coisa Freudiana como constituída essencialmente por esse furo, esse furo que tem uma localidade no simbólico, ou seja, algo que, de todo modo - pelo menos eu posso prová-lo -, pode se sustentar por algum tempo. Como esse tempo começa a durar e pelo fato de ao longo dele não ter havido muitas contradições de peso referidas ao que enunciei, então essa questão já começa a se sustentar pelo menos por ter durado todo esse tempo.

Que eu identifique esse furo à topologia é algo ao qual fiz alusão em meu último *Seminário*: acredito ter indicado, ao menos ter feito alguns perceberem, que a topologia não pode ser concebida sem esse nó que, como eu dizia há pouco para um outro grupo, não é simplesmente algo, embora seja nela que ele tem seu porte de nó, está no real. Mas o interessante é que, no mental - esta é de fato a primeira vez que se vê alguma coisa conjugando o mental e o real neste ponto -, isso também faz nó. É verdadeiramente impossível não se situar o nó no mental e, ao mesmo tempo, perceber que o mental ali está profundamente inadaptado. Ou seja, o mental pensa esse nó de modo tão difícil que não podemos deixar de ver aí alguma coisa que nos daria, de algum modo, o que chamei, em meu último Seminário, de um pressentimento do que, no fim das contas, poderia muito bem ser o furo em questão.

Tudo isso, claro, é uma precipitação - por que não dizê-lo -, depois da errância. Todos sabem que me vangloriei de ser dialético e que fiz uso do termo antes de chegar a esse turbilhão. É bem o caso de nos darmos conta de que qualquer um que fale de dialética evoca sempre uma substância. A dialética é essencialmente predicativa, produz antinomia e não há nenhum predicado que, por si só, não se sustente de uma substância. É muito, muito difícil falar *a* substantivamente, sobretudo porque cada um de nós se imagina como sendo uma substância. Evidentemente, é muito difícil tirar-lhes isso da cabeça, embora tudo demonstre que cada um de vo-

cês não é mais do que um pequeno furo, um furo certamente complexo e turbilhonante. É de fato muito, muito difícil vocês se pensarem como substância, a não ser como substância que tem a propriedade de ser pensante e, então, torna-se verdadeiramente desesperador pensar o quanto o pensamento de vocês é manifestamente impotente. De todo modo, parece ser mais sólido referir-se a outras categorias e perceber que, por exemplo, se pode enunciar, sem incorrer em absurdos, proposições como esta, avançá-las com alguma chance de se ir direto ao ponto: se há o indecível (evoquei isso há pouco), é um indecível que só se sustenta pelo fato de nós o enodarmos, há o indecível, mas a ideia disso só nos vem devido a essa segurança que a matemática nos dá. Precisamente: não há não-nó, se assim posso dizer, pois, em suma, esta é a única definição possível do real e só apertamos os nós para não deslizar ali indefinidamente. É a isso que nos dedicamos na análise.

Final de contas, o que é a análise? De todo modo, é alguma coisa que se distingue disto: nós nos permitimos uma espécie de irrupção do privado no público. O privado evoca a muralha, as pequenas questões de cada um. As pequenas questões de cada um têm um núcleo perfeitamente característico, ou seja, são questões sexuais. Este é o núcleo do privado. Não deixa de ser engraçado o fato de que esse “público”, no qual fazemos emergir esse privado, tenha uma ligação inteiramente manifesta, para os etimologistas, com *publis*, ou seja, o público é o que emerge daquilo que é vergonhoso, pois como distinguir o privado daquilo do qual se tem vergonha?

É claro que a indecência de tudo isso, indecência do que se passa em uma análise, graças à castração, cuja dimensão a análise foi bem feita para evocar, a partir de Freud, essa indecência, se assim posso dizer, desaparece.

Então, toda a questão é a seguinte: extrair da castração um gozo. Seria isto o mais-gozar? De todo modo, isso é tudo o que é permitido, por ora, a qualquer pessoa, desde que a palavra “pessoa” [*personne*]** designe pessoa. Ela designa uma substância pensante, sem dúvida, mas aquilo em que nos esforçamos, mesmo que nossas preocupações não sejam de modo algum substanciais, nem substantóforas [*substantophores*], é para fazer entrar essa noção de substância pensante em um real. Então, isso não acontece facilmente, é claro, porque há muitas coisas com as quais estamos atulhados. Estamos atulhados, por exemplo, com a ideia de vida. É uma ideia assim, e é bastante curioso que, apesar de tudo, Freud tenha promovido o Eros, mas não tenha ousado identificá-lo inteiramente com a ideia de vida e que, de todo modo, ele tenha distinguido a vida do corpo e a vida enquanto carregada no corpo pelo germe.

Na vida, apesar do uso que Freud faz dela, há alguma coisa com a qual não há nada a fazer, que passa como sendo sua antinomia: é a morte.

A morte, o que quer que se pense dela, é puramente imaginária. Se não houvesse “corpo” (*corps*), se não houvesse cadáver, o que nos faria fazer a ligação entre a vida e a morte? Naturalmente, concordamos em enodar a ideia do feixe de legumes [*idée du poireau*], do feixe de cadáveres [*botte de cadavres*], esta é, inclusive, nossa ocupação principal. Se não houvesse isso, se não existissem estátuas, o lado enraivecido desses seres ditos humanos que fabricam suas próprias estátuas, a saber, coisas que não têm absolutamente nada a ver com o corpo, mas que, apesar disso, se parecem com ele. Devemos bendizer as religiões que proibiram essa obscenidade. Ademais, são horríveis de se ver! O que há de mais horrível de se ver do que um ser humano, eu pergunto! Um ser humano, uma forma humana. É curioso... Enfim, de fato, era preciso haver a religião chamada católica para

encontrar nisso suas delícias. Evidentemente, ela tem alguma coisa a ganhar nessa história, é patente, vemos muito bem o mecanismo: ela joga com o belo / aposta no belo. Aliás, o que é toda essa história do arco da velha do Evangelho, é o caso de dizer, senão a exaltação do belo? Eu lhes mostrarei isso em outra ocasião.

Por fim, *perinde ac cadáver* quer dizer que a castração, a castração que nós mesmos chegamos a nos dar conta de que é um gozo, por que é um gozo? Nós o vemos muito bem: é porque ela nos libera da angústia. Mas então, o que é a angústia?

É curioso que não se tenha extraído um pouco da moral da história do pequeno Hans de Freud. A angústia está muito precisamente localizada em um ponto da evolução desse parasita humano, é o momento em que um homenzinho ou uma futura mulherzinha se dá conta de que? Se dá conta de que está casado com seu pau. Vocês me perdoem por chamar isso assim, é o que geralmente chamamos de pênis ou pinto, e que se infla quando se percebe que ali não há nada melhor para fazer o falo, o que é obviamente uma complicação, uma complicação ligada ao fato do nó, à ex-sistência, cabe dizê-lo, do nó. Mas se há alguma coisa nas “Cinco lições de psicanálise” feita para nos mostrar a relação da angústia com a descoberta do pequeno pipi – chamemo-lo assim também, de todo modo isso é claro -, é certo ser inteiramente concebível que, para a menininha, como se diz, isso se estenda mais, razão pela qual ela é mais feliz. Isso se estende porque ela precisa de algum tempo para perceber que não tem o pequeno pipi, o que lhe produz angústia também, mas uma angústia por referência àquele que é aflito com isso. Digo “aflito”, porque falei de casamento e tudo o que permite escapar desse casamento é evidentemente bem-vindo. Disso decorre o sucesso da droga, por exemplo. Não há nenhuma outra definição da droga senão esta: é o que permite romper o casamento com o pequeno pipi.

Mas, deixemos isso de lado e venhamos às coisas sérias, a saber: considerar a vida como parasita não seria uma maneira ruim de pensá-la. Dizer que ela é parasita da morte seria um exagero, seria fazer uma ligação demasiado estreita no que concerne ao que acabo de dizer, ou seja, não haveria a menor relação se não fosse essa questão do corpo que jogamos no buraco. Talvez seja justamente isso que nos diz o que é a vida: é o parasita de alguma coisa que verdadeiramente só se concebe como furo. É, inclusive, em torno disso que o real se faz cíclico, quer-se que a vida parasite nessa “tenda”. Disso, é claro, tudo decorre. Não posso dizer que Freud chegou até aí, mas, de todo modo, ele não disse pouca coisa: que o germe seja, afinal, um parasita, é o que me parece destacar-se em “Além do princípio do prazer”. Evidentemente, ele não o disse de modo explícito, mas, talvez, tivesse produzido menos escândalo se dito naquela época do que quando o digo agora. Isso também teria aliviado as coisas, lhe teria permitido chamar diferentemente o princípio de realidade – que é simplesmente um princípio de fantasia coletiva. Ontem, o Júri de acolhimento me perguntou: “Quais são seus critérios?”, no que concerne a esse júri para nomear alguém como A.M.E. Vou dizer-lhes: é o que chamamos de bom senso, ou seja, a coisa mais difundida no mundo. O bom senso é isto: “Podemos confiar neste aí”, nada mais. Não há absolutamente nenhum outro critério. Há pessoas para quem se propõe o título de A.M.E., e se pessoas que ali estão foram escolhidas incontestavelmente por votação, porque se confia no bom senso delas, no sentido de não garantir qualquer pessoa, esse é um princípio de pura fantasia, de fantasia coletiva, sem dúvida. O princípio de realidade quer dizer isso? É inteiramente certo. Nós nos damos conta, pelo uso, que todas as pequenas fantasias

privadas se juntam, se juntam em feixes, como eu dizia há pouco, o que por certo não é surpreendente no que diz respeito à relação da coisa com a morte, pois foi a esse propósito que evoquei o bom senso. Resumindo, é isso: os não muito perigosos, a isto chamamos de princípio de realidade, que se opõe muito seriamente ao princípio do prazer, porque este, em termos estritos, tem apenas uma definição possível, a saber: o menor gozo. Isso quer dizer: quanto menos se goza, mais isso vale.

De modo que isso nos leva a formular um certo número de pares, no que concerne ao real, ao imaginário e ao simbólico. O real, para nós, por seu uso, é bem evidentemente antinômico ao sentido, se opõe ao sentido como o zero ao um.

O real é estritamente o que não tem sentido. Por essa razão, nossa interpretação é alguma coisa que só tem a ver com o real pelo fato de a dosarmos. Nós a dosamos e a limitamos à redução do sintoma. Há sintomas que não se reduzem, o que é absolutamente certo, entre outros, em especial, a psicanálise. A psicanálise é um sintoma, um sintoma social e é assim que convém conotar sua existência. Se a psicanálise não fosse um sintoma, não vejo de modo algum o que a teria feito aparecer tão tarde. Ela apareceu tão tardiamente, porque era preciso que alguma coisa de uma certa relação com a substância se conservasse (sem dúvida por estar em perigo), com a substância do ser humano.

Então, tratemos de formular juntos alguma coisa que situe o imaginário em relação com outra coisa.

O imaginário não tem nenhum outro suporte senão isto: o fato de ter o corpo e, à medida que esse corpo se desenoda do gozo fálico, o imaginário toma consistência. Foi precisamente à medida que o gozo fálico acontecia em outro lugar - e é uma questão de história assinalar como ele era escamoteado - que a ideia de mundo nasceu. Esta é a oposição não entre zero e um, mas entre um menos e um mais. À medida que a castração opera, que há menos falo, o imaginário subsiste. Todo mundo sabe disso, pois é por isso que chamam de pré-genitais os estádios que constituem o suporte mais comum de todos os comportamentos chamados humanos.

E o simbólico? O simbólico é simples. Não há oposição ao simbólico, há o furo, o furo original. O simbólico só tem parceiro por meio de um truque. Uma vez que não há Outro do Outro, a saber, que o ser e sua negação são exatamente a mesma coisa, como todo mundo sabe, os dialéticos lhes dizem logo: o não-ser existe porque vocês falam dele, o que prova até que ponto o não-ser é precisamente o equivalente. Justamente graças a isso, a descoberta da psicanálise foi: embora o ser e o não-ser sejam a mesma coisa, é preciso haver um furo para manter tudo junto. Em suma, isso se resume a: só há criação. Cada vez que lançamos uma palavra, fazemos surgir do nada, do ex-nihilo, uma coisa, é nosso destino de seres humanos. Por essa razão, não trepamos de vez em quando, salvo exceção, com uma mulher, mas trepamos com a Coisa.

E as mulheres, será que elas criam? Escutei há pouco alguém que me agradou muito (não quer dizer que o que disse Michèle Montrelay antes não tenha me agradado também), mas alguém chamada Anne Colot me fez notar que, de todo modo, a mulher não estava absolutamente feita/pronta. O que ela disse é bastante pertinente. Ela não usou, graças a Deus, a palavra criatividade. Ela falou da criação como alguma coisa que faz com que, no fundo, uma mulher mal sabe quem é seu bebê. O bebê é como a vida, é patente no ser humano que ele é um parasita. Um parasita é alguma coisa que começa a existir apenas se lhe dermos um nome. Enquanto ele

não tem um nome, o que ele é? Então, a criatividade.... Alguém me entrevistou sobre a criatividade da mulher. Devo dizer que não sou um entusiasta. Não é absolutamente necessário que uma mulher seja criativa para ser interessante. Basta que ela conte, é isso que tem seu peso.

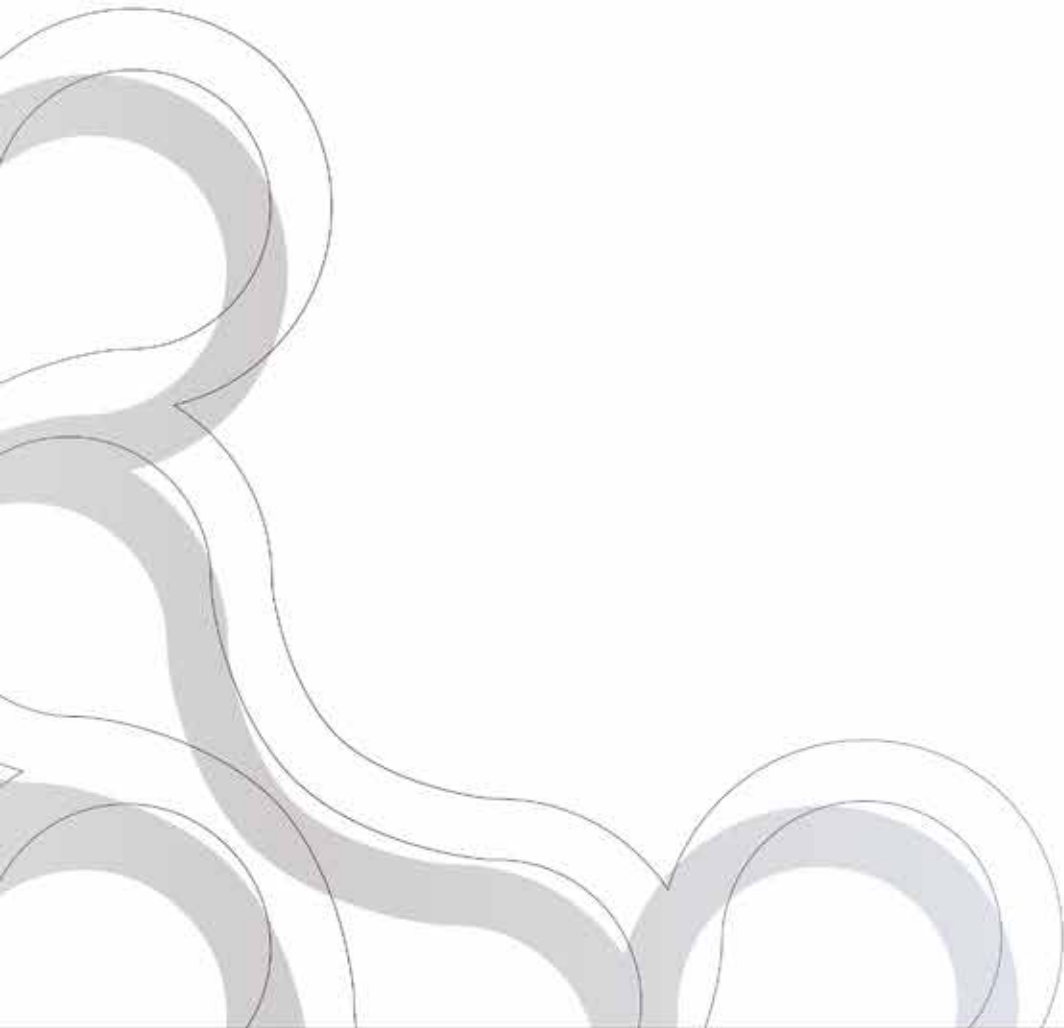
Então, resumamos. O que é um sintoma? É algo que tem a maior relação com o inconsciente (é o que se vê na prática). Gostaria que a psicanálise, como eu disse há pouco, dure, dure o tempo necessário, nem um minuto a mais, é claro, como sintoma, porque, de todo modo, é um sintoma tranquilizador. (Aplausos).

*Intervenção de Jacques Lacan na sessão de Encerramento das Jornadas de Estudos de Cartéis, de abril de 1975, na École *Freudienne de Paris*, publicada em *Lettres de l'École Freudienne*, 1976, n.18, p. 263-270. Texto publicado com a amável autorização de Jacques-Alain Miller.

** N.T: cabe observar que *personne*, em francês, também significa ninguém.

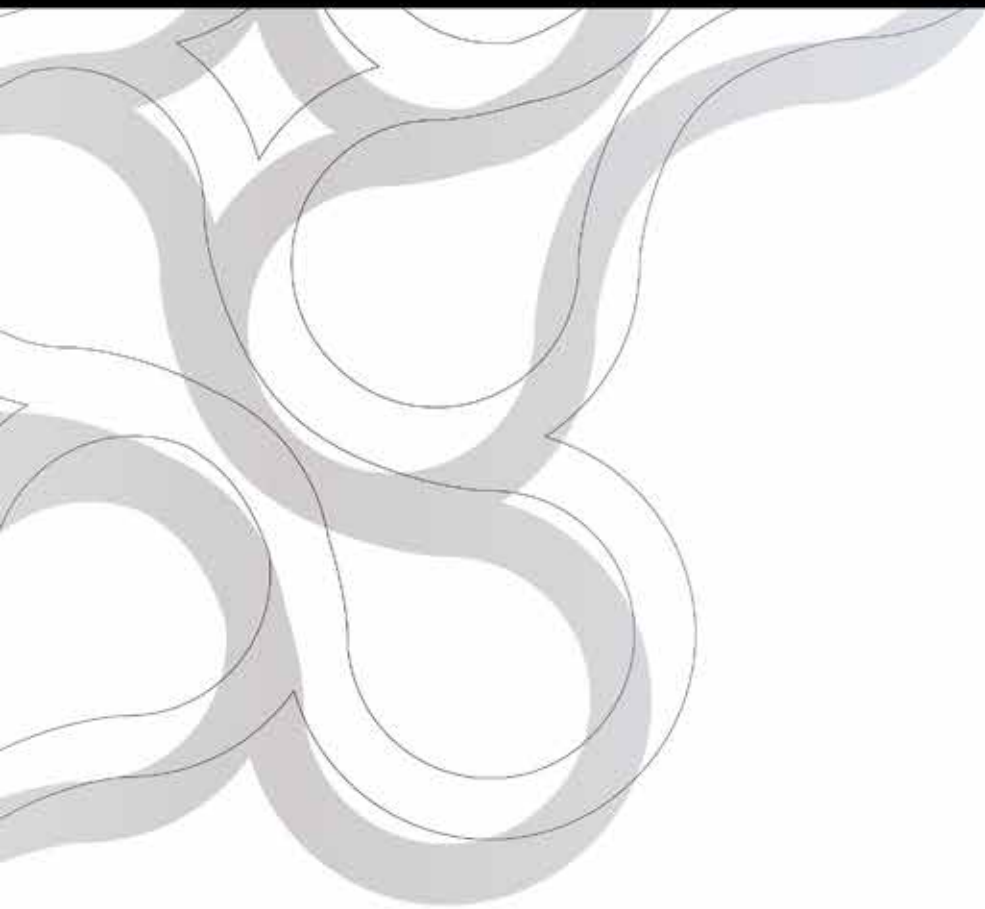
Tradução do francês: Vera Avellar Ribeiro

Revisão: Elisa Alvarenga



 PHARMAKON Digital

CLÁSSICOS



PARA UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O GOZO AUTO-ERÓTICO

FOR AN INVESTIGATION INTO AUTOEROTIC JOUISSANCE

Jacques-Alain Miller (Paris, França)

Analista Membro da Escola (AME) da École de la Cause Freudienne (ECF). Membro e Fundador da Associação Mundial de Psicanálise (AMP)

Resumo: O texto localiza a especificidade do gozo toxicomaniaco, gozo que não passa pelo Outro, e tem como característica o autoerotismo. O recurso à droga é colocado como uma saída para a angústia frente ao desejo do Outro.

Palavras-chave: toxicomania, gozo, objeto droga

Abstract: The text shows the specificity of the jouissance of the drug addict, which does not pass through the Other and is characterized by self erotism. The resource to the drug is proposed as a wayout for anxiety, in face of the desire of the Other.

Keywords: Addiction, jouissance, object drug.

Eis-me aqui na posição de agradecer àqueles que aceitaram de bom grado responder ao convite do Campo freudiano e do Departamento de Psicanálise, por intermédio do GRETA.

Eu poderia ater-me ao que foi dito nesta Jornada: se digo algumas palavras mais, elas deveriam ser submetidas à discussão, como tudo o que foi dito até agora.

O FALO EM QUESTÃO

É certo que esse momento de encerramento não é de maneira alguma um momento de concluir, que esse encerramento não é uma conclusão, ele é apenas uma suspensão, pois essa Jornada nos deixa em suspenso.

O que permite concluir, de uma maneira geral? É sempre uma articulação lógica, e isso vale também para a clínica psicanalítica, na medida em que ela se articula - se é freudiana - às funções de uma categoria que vem indiscutivelmente de Freud - mesmo se ela esperou Lacan para ser formalizada - a saber, o falo. Pois a psicanálise só atinge o sujeito na medida em que ele tem relação com essa categoria, na medida em que ele se inscreve na função fálica, segundo modalidades diversas.

Essa categoria está claramente articulada em Freud, pois ele distingue, à parte do registro do fim sexual, o do problema sexual, quer dizer, o problema da castração na medida em que concerne um saber, um conhecimento - o termo é de Freud - sobre o sexo. Tratando-se da toxicomania, essa categoria freudiana do falo, aparece ou não como operatória?

Há aí uma dificuldade. Seu signo é que, comumente, na cura do toxicômano, se fala de desmame e não de castração. Acredita-se poder efetuar essa operação de renúncia à droga pela fala, ou o desmame da - ou das - substâncias tóxicas é a condição, prévia, da cura pela palavra?

A segunda opção é a que nos foi apresentada por M. Olievenstein. Do ponto de vista do Campo freudiano,

não podemos dizer, com efeito, que o recurso à substância tóxica é precisamente feito para fechar ao sujeito o acesso ao problema sexual?

UM REAL QUE INSISTE

É certo que a toxicomania impõe ao psicanalista a modéstia. E me parece que a maior parte dos psicanalistas que assistiram a essa Jornada vieram aprender com aqueles que, mais regularmente do que eles, se ocupam de toxicômanos.

Se Lacan convidava os psicanalistas a não recuar diante das psicoses, é porque o psicótico é demandante em relação à psicanálise. Mas o toxicômano o é? E se o fosse, não seria antes o analista que recuaria frente à toxicomania? Com efeito, a toxicomania apresenta ao psicanalista um sintoma sobre o qual os efeitos de verdade da fala podem parecer sem pega, um sintoma, portanto, que obriga a dissociar as estruturas de ficção da verdade e um real que resiste ou que insiste.

Resta que a droga dá lugar a uma autêntica experiência para o sujeito, que nós não poderíamos colocar em dúvida, e que produziu seu próprio vocabulário, suas próprias expressões. Ela não é, no entanto, uma experiência de linguagem, mas ao contrário o que permite um curto-circuito sem mediação, uma modificação dos estados de consciência, a percepção de sensações novas, a perturbação de significações vividas do corpo e do mundo.

Vimos, aliás, com a exposição de Michel Reynaud, que existe inclusive uma zona de indiferenciação, de recobrimento entre o tóxico e o terapêutico. Ele estudou casos que poderíamos chamar de verdadeiras terapêuticomanias, cuja referência poderia bem ser o *pharmakon* analisado por Davida, lembrado por Dugarin, que está no centro da obra recente de Sylvie Le Poulichet.

Essa Jornada juntou o toxicômano e o terapeuta. Ela deu a palavra aos terapeutas, que falam de bom grado, mais que os toxicômanos; ela reuniu homens desse campo, pois são eles que têm direito à palavra, uma vez que são eles que autorizam o Campo freudiano a interessar-se pela toxicomania.

O OBJETO DROGA

Mas a partir da experiência analítica, o que podemos dizer sobre a toxicomania? Começamos a vê-lo hoje: os psicanalistas ressaltam que algo faz obstáculo à entrada e à manutenção do toxicômano em análise. Trata-se então de um saber negativo. Mas como articulá-lo em algumas questões que poderíamos encontrar a ocasião de retomar?

A primeira dessas questões se refere ao próprio termo de toxicômano. Em que medida é um atributo clinicamente válido do sujeito, se ele é sujeito da palavra? Eu teria formulado essa pergunta, de bom grado, ao Prof. Bergeret: a toxicomania é uma categoria clínica bem formada? E em que sentido? Como ela se articula às estruturas freudianas? Não seria preciso distinguir a toxicomania como categoria clínica e o objeto droga, para retomar uma expressão que foi utilizada aqui? O objeto droga na medida em que pode encontrar-se inscrito em diferentes estruturas clínicas, neurose, psicose e perversão?

Talvez encontre aí seu lugar o dito de Lacan, lembrado por Bernard Lecoeur e Hugo Freda: “A droga é o que permite ao sujeito escapar ou romper seu casamento com o pequeno pipi”. Não é uma definição da toxicomania, mas uma tentativa de definição da droga enquanto tal. Talvez se deva dar todo o seu valor a essa distinção, talvez, na experiência analítica, coloquemos menos a questão da toxicomania que aquela da droga em sua relação ao sujeito. Por isso, considero que não está estabelecido que a toxicomania possa entrar enquanto tal no Campo freudiano, mas somente sob as espécies – talvez toquemos aí um dos limites da psicanálise – da questão do objeto droga em sua relação ao sujeito.

UM OBJETO CAUSA DE GOZO

Desde então, a droga aparece como um objeto que concerne menos ao sujeito da palavra que ao sujeito do gozo, na medida em que ela permite obter, sem passar pelo Outro, um gozo. A experiência toxicomânica parece bem feita, com efeito, para justificar o uso que fazem alguns entre nós do termo de gozo enquanto distinto daquele de prazer. O prazer é sempre coordenado à noção de uma harmonia, de um certo bom uso, inclusive de uma sabedoria – assim Michel Foucault podia falar do uso dos prazeres. Ora, nós vimos que, mesmo a psiquiatria soviética, da qual nos falou Claudio Ingerflom, encontra, quando ela tenta apreender a toxicomania, o paradoxo desse curioso hedonismo, desse desejo hipertrofiado de ter prazer. Consequentemente, parece-me que a experiência toxicomânica justifica que se introduza o termo de gozo para qualificar o que, nesse caso, se situa mais além do princípio do prazer, o que não está ligado a um temperamento da satisfação, mas, ao contrário, a um excesso, a uma exacerbação da satisfação que conflui com a pulsão de morte.

Assim, a fórmula de Markos Zafiropoulos, “o toxicômano não existe”, certamente se justifica, se designamos assim o fato de que a categoria clínica da toxicomania não está bem formada. Mas, não é menos verdade que com o nome de toxicômano se designa um sujeito que entrou em uma certa relação com a droga, e que consente em se definir cada vez mais, a se simplificar ele mesmo, nessa relação com a droga.

Desde que não neguemos a especificidade dos fenômenos toxicomânicos, do ponto de vista psicanalítico, não deveríamos dizer que a droga se torna o verdadeiro parceiro, o parceiro essencial, e mesmo exclusivo do sujeito, um parceiro que lhe permite fazer um impasse, em relação ao Outro, e em particular, em relação ao Outro sexual?

A partir daí, poderíamos ser tentados a dizer que a droga proporciona ou produz um excedente de gozo, um mais-de-gozar impossível de desconhecer, sob sua face de estado dito de falta, de falta de gozo. Em consequência, poderíamos também ser tentados a fazer da droga um objeto *a* no sentido de Lacan. Mas estou totalmente de acordo com o Dr. Magoudi para dizer que não se pode, em nenhum caso, fazer da droga uma causa do desejo. No máximo, podemos fazer dela uma causa de gozo, um objeto da demanda mais imperiosa, e que tem em comum com a pulsão que ela anula o Outro – a droga como objeto dá acesso a um gozo que não passa pelo Outro, e em particular pelo corpo do Outro como sexual.

INSUBMISSÃO AO SERVIÇO SEXUAL

Na experiência analítica, encontramos correntemente o recurso à droga como saída para a angústia, como saída para a angústia frente ao desejo do Outro, a fim de desviar-se dele. Dizer que, com a droga, se trata de um gozo que não passa pelo Outro é um ponto de referência muito frouxo, que seria preciso apreender melhor, começando por opor esse gozo ao gozo homossexual, que mobiliza o corpo de um outro, com a condição que ele seja o mesmo, que, portanto, passa pelo Outro, mas com a condição de reduzi-lo ao mesmo. É preciso acrescentar que isso só vale para a homossexualidade masculina, aquela que exige que o corpo do outro apresente um traço particular, o de possuir o órgão. Desde então, podemos falar de desmentido da castração como princípio de perversão, mas isso supõe que o problema sexual tenha sido colocado pelo sujeito como tal, e que ele tenha encontrado essa solução. Em primeiro lugar, teríamos então que contrastar o gozo que não passa pelo Outro e o gozo homossexual.

Em segundo lugar, existe um outro tipo de gozo que não passa pelo corpo do outro, mas pelo corpo próprio – que se inscreve na rubrica do autoerotismo. Digamos que é um gozo cínico, que rejeita o Outro, que recusa que o gozo do corpo próprio seja metaforizado pelo gozo do corpo do Outro – e que permanece, na história, ligado à figura de Diógenes – que opera este curto-circuito realizado no ato da masturbação, que precisamente assegura ao sujeito o seu casamento com o pequeno pipi.

Dessa forma, sem dúvida, o cínico contraria a interdição que cai sobre o gozo e que é antes de tudo interdição do gozo autoerótico – ao ponto que se pode dizer que a interdição do incesto como interdição do corpo da mãe não faz mais do que metaforizar a interdição primordial do gozo autoerótico. Mas esse gozo, que passa pelo gozo fálico, é compatível com, e mesmo ocasionalmente exige, a manutenção do Outro imaginário na fantasia.

Assim, vemos talvez destacar-se a especificidade do gozo toxicomaniaco, que, com efeito, não passa pelo Outro, mas tampouco pelo gozo fálico. Lacan está, portanto, justificado em caracterizá-lo, antes de tudo, pelo fato de que ele “rompe o casamento com o pequeno pipi” – ele permite não colocar o problema sexual.

Por outro lado, um capítulo deveria ser desenvolvido, “Toxicomania e Psicose”. Philippe Sopena evocou aqueles que preferiram a toxicomania à psicose. É certo que, na toxicomania, não podemos falar de foraclusão enquanto tal porque na psicose, se há foraclusão da castração, ela retorna no real – em particular na paranoia, ao ponto que Freud pode dizer que o Édipo é demonstrado na paranoia.

A toxicomania é menos uma solução para o problema sexual do que a fuga diante do fato de colocar esse problema.

Se quiséssemos encontrar uma categoria onde colocar, face à foraclusão na psicose, a toxicomania, poderíamos talvez fazer apelo à insubmissão – a insubmissão, eu diria, já que Hugo Freda falou do serviço militar, ao serviço sexual.

UM MAIS-DE-GOZAR PARTICULAR

Dando um passo além daquele que consiste em problematizar a toxicomania a partir da experiência analítica, poderíamos interrogar-nos sobre o que a toxicomania mesma esclarece sobre o sujeito da fala.

Nada, com efeito, objetaria a dizer que aqueles que não são toxicômanos – e aqueles que não se entregaram duas vezes a essa experiência, como recomenda o Sr. Olievenstein – não se “injetem”, não sejam “lavrados” pela palavra. Pois existe um gozo da fala, ao qual nós estamos ligados – é por isso mesmo que fazemos tantos colóquios.

O que chamamos de destituição subjetiva, desde então, seria também o desmame do gozo da fala, e o final da análise, porque não, um “desligamento”. Mas evidentemente, a droga materializa ou substantifica esse gozo que não é um prazer, esse gozo que vale mais que a vida como função vital.

Por outro lado, se na análise temos a ver com um sujeito que joga sua partida em relação a um saber sobre o sexo, e a joga na fala – ao contrário, o que chamamos, talvez abusivamente, o sujeito da toxicomania é um cínico extremo. E compreende-se que a biologia molecular seja tentada a abordar a toxicomania a nível do órgão causa, isto é, do cérebro, fazendo um impasse quanto à relação ao Outro – a toxicomania certamente se presta a isso.

Entretanto, do ponto de vista da experiência analítica, não se pode manter que na droga a posição subjetiva está não obstante implicada? E aí, eu estaria de acordo com o imperativo do Dr. Carpentier, de um retorno à medicina do sentido – todo o problema sendo obter do sujeito que dê sentido, e em particular sentido sexual, à sua dependência. Ora, a toxicomania faz obstáculo a isso, pois na análise, o sujeito espera o objeto do sujeito suposto saber – e é o que estabelece a transferência – quer dizer que o objeto em questão, o mais-de-gozar, se sustenta fundamentalmente na palavra, enquanto na toxicomania, esse mais-de-gozar está aderido a um produto da indústria.

No fundo, o analista deveria ser um dealer da droga da palavra – essa problemática foi evocada pelo Dr. Olievenstein.

DESFAZER A IDENTIFICAÇÃO

Deixemos de lado o fato que na realidade social, existe um Outro da droga, que se paga e a quem se endereça a demanda, pois esse Outro da droga, como o chamava o Prof. Bergeret, não tem de maneira alguma a solução do problema.

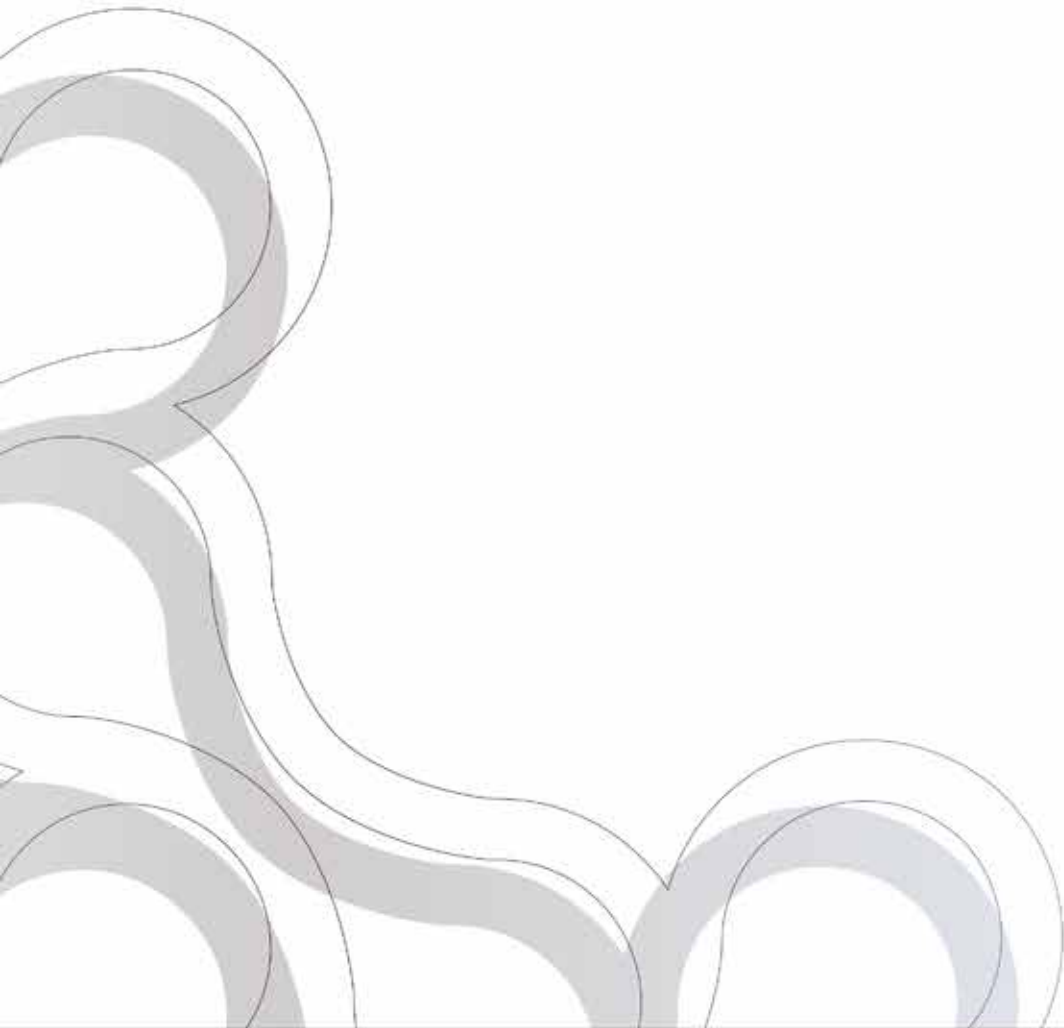
O acesso ao gozo da droga para um sujeito não foi sempre traçado pelo que lhe veio da palavra? Em sua origem, a escolha da droga não foi sempre condicionada pelo significante? Para essa pergunta, só há respostas particulares, caso por caso. Parece-me que a exposição realmente sensacional de Hugo Freda o mostrou, indicando uma saída, que se recortou com a de Marcos Zafiropoulos sobre esse ponto: em todos os casos, a possibilidade da análise passa pelo esforço para desfazer a identificação bruta ao “sou toxicômano”. Consequentemente, do ponto de vista da experiência analítica, tudo o que reforça essa identificação é contraindicado – é preciso que ela possa aparecer ao sujeito, não como necessária, mas contingente.

Não fiz mais do que estabelecer uma lista de questões, que, me parece, poderiam ser retomadas em uma

Jornada próxima, para se fazer um balanço, depois de transcorrido um certo tempo para compreender.

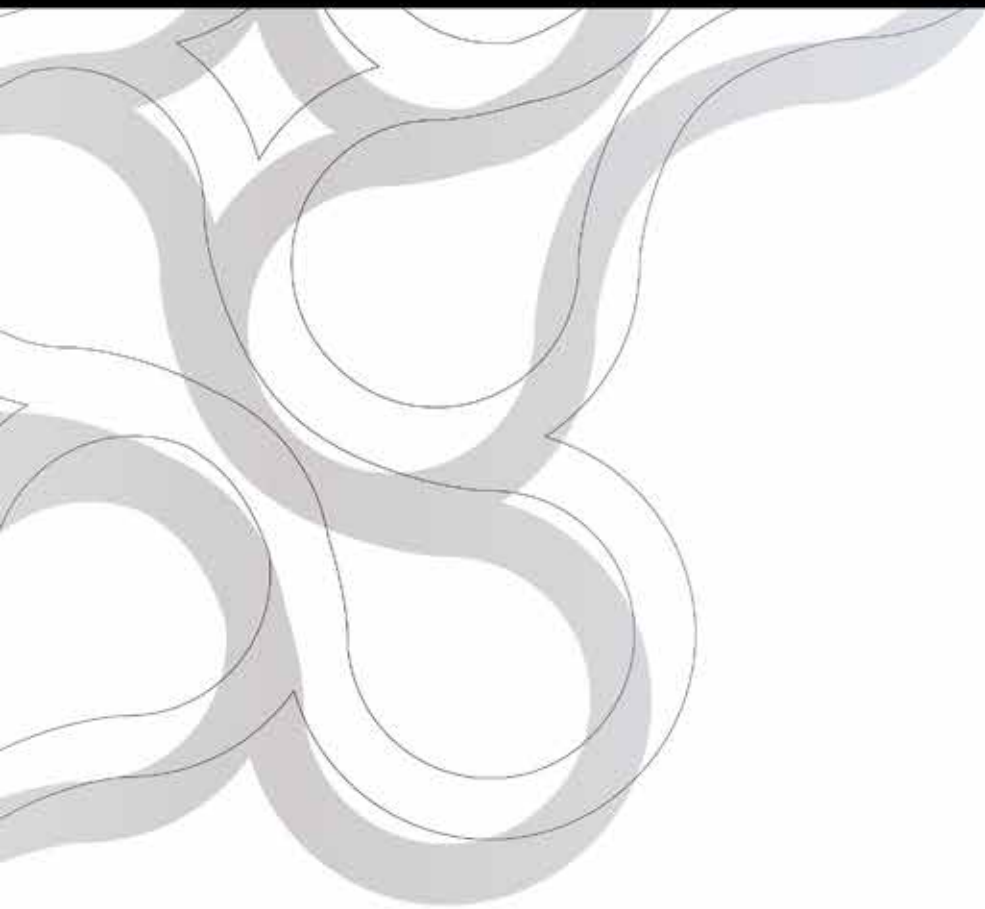
*Texto de encerramento das Jornadas do GRETA (1989) – Groupe de Recherche et d’Études sur la Toxicomanie et l’Alcoolisme (“Clôture”, Le toxicomane et ses thérapeutes. Analytica 57, Navarin Éditeur). As modificações contam com a autorização do autor.

Tradução do francês: Elisa Alvarenga



 PHARMAKON Digital

ENTREVISTAS



INTRODUÇÃO À SEÇÃO ENTREVISTAS

Nesta Seção inauguramos um diálogo virtual entre os participantes de TyA.

A partir de nossa Conversação realizada no Rio de Janeiro, por ocasião do Congresso da Associação Mundial de Psicanálise em abril de 2016, surgiu a idéia de debatermos alguns temas que atravessam a nossa clínica mais além de nossos encontros. Pensamos que Pharmakón Digital é o meio ideal para colocar em prática um debate sobre os temas que os participantes da Rede TyA vêm propondo. Nesta oportunidade, em concordância com o tema desta edição: “A especificidade das Toxicomanias”, propusemos aos participantes que respondessem a duas perguntas que insistem em nossa prática.

A primeira pergunta é:

COMO VOCÊ ENTENDE A FIXAÇÃO DE UM SUJEITO AO OBJETO DROGA?

A segunda, por sua vez, indaga:

QUAL É PARA VOCÊ A ESPECIFICIDADE DA TOXICOMANIA EM RELAÇÃO À GENERALIZAÇÃO ATUAL DAS ASSIM CHAMADAS ADIÇÕES?

O leitor poderá apreciar a riqueza das respostas que deixam entrever o fato de que a Rede TyA não é só uma decisão política dos psicanalistas dedicados à clínica das toxicomanias, mas também, uma verdadeira aposta epistêmica.

Natalia Andreini (Córdoba, Argentina)

Analista Praticante da Escuela de la Orientación Lacaniana (EOL). Membro da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Responsável por TyA Córdoba.

1- COMO VOCÊ ENTENDE A FIXAÇÃO DE UM SUJEITO AO OBJETO DROGA?

- “Quando fumo maconha, o mundo se encaixa para mim, entendo o universo, é difícil de explicar. ”
- “Posso rir-me de tudo e, assim, esquecer-me dos problemas. ”
- “Eu faço antes de entrar na escola para relaxar. ”
- “Tudo muda de cor... é mais intenso. ”
- “Quando começo com a cocaína, não posso parar. ”

Escolho começar essa resposta com frases ditas por sujeitos que consomem, para colocar em primeiro lugar a palavra daqueles que nos consultam e, também, para sublinhar a satisfação que implica. Está em jogo uma satisfação, começamos daí. É assim que chegamos na vida, começamos com uma satisfação e nos fixamos nela. Isso se inscreve como uma marca que sela nossa singularidade.

Para Freud, essa marca, tornada fixação, foi uma pedra no caminho que levava a interromper o percurso analítico. Jacques Lacan, de sua parte, serve-se do descobrimento freudiano, porém muda sua situação no mapa epistêmico, já que, a partir da orientação pelo real, a fixação se encontra desde o começo e traça um caminho que se orienta a produzir um *saber fazer com isso* que é uma marca, um fato da experiência corporal, um modo de satisfação, de gozo. Começar pelo gozo modifica substancialmente a leitura do epistêmico e a orientação da cura nos tratamentos.

Contudo, que a fixação seja ao objeto droga, tal como é apresentada a pergunta, requer mais algumas precisões. O gozo, em parte, localiza-se nos objetos que Lacan nomeia pela letra: “a”, objeto *pequeno a*. Estes têm uma dimensão subjetiva, e sua denominação não diz muito em termos de linguagem, nem de sentido, porque, antes, encarnam-se nos relevos do corpo. À medida que crescemos, esses objetos vão sendo substituídos por outros que são de fabricação humana. Um exemplo é a chupeta, que substitui a sucção do peito da mãe. Com este inauguramos uma infinidade de objetos que podem ocupar esse lugar localizado de gozo.

O objeto *pequeno a* não se define por si mesmo, senão a partir da função que cumpre. Seja como causa de gozo, como mais-de-gozar, como resto ou objeto de amor. Aqueles outros produzidos pela fabricação humana podem oferecer satisfações substitutivas, ou constituir uma prótese para o sujeito e, assim, compensar funções que não estão presentes ou, também, oferecer “um mais” de satisfação e produzir o apagamento das regulações que estão a serviço de produzir um equilíbrio para cada sujeito.

Nesse último grupo localizamos o objeto droga. Esse objeto oferece uma adesão que lança para um gozo infinito. Trata-se de uma escolha forçada, enquanto que atrás do véu que a cobre se encontra o imperativo de

gozar sob o qual se aliena o sujeito com essa adesão. Quando a relação com o objeto droga questiona as ficções que o sujeito se deu para relacionar-se com os outros e ter um lugar no mundo, torna-se uma fixação difícil e perigosa de abalar.

2- QUAL É PARA VOCÊ A ESPECIFICIDADE DA TOXICOMANIA EM RELAÇÃO À GENERALIZAÇÃO ATUAL DAS ASSIM CHAMADAS ADIÇÕES?

Notarão que dizemos *generalização*, não *universalização*. Isso é assim porque, em seu último ensino, Lacan não recorre ao universal, não procura levar as coisas no nível da verdade, mas ao campo do gozo e seu tratamento. “As Adições” se generalizaram e deixaram as denominadas “toxicomanias” para um uso restrito.

As adições, no plural, são definidas pelos sujeitos como algo que não podem deixar de fazer, como algo de que não conseguem des-aderir-se ou soltar-se. Para nomear essa relação particular que se estabelece, escolho um neologismo utilizado por um sujeito que vem para uma consulta: ele se nomeia “adicionado” quando está envolvido com alguma coisa, e se acende um fanatismo tal que o leva a desinteressar-se por todo o resto.

Aquilo que estava às margens, representado pelos aditos às drogas, moveu-se até o centro e foi tomado pelo mercado. Agora – com alguns retoques cosméticos – todos temos direitos e até obrigações de “adicionar-nos” a um ou vários objetos tornados, assim, mercadorias. Também entram nessa série atividades que podem ser exercidas como hobbies, esportes, o trabalho, as viagens etc.

Com a psicanálise sabemos que nós, sujeitos, habitamos a linguagem e somos habitados por ela. A língua que falamos se modifica, sofre mudanças. Assim, a denominação “adições”, no uso generalizado que tem hoje, é o efeito da introdução dessa palavra na linguagem que usamos, o que não é sem incidências na economia do gozo. Então nos perguntamos: qual seria tal incidência? Acaso o uso generalizado desta expressão é uma tentativa de fazer com esse fenômeno de gozo, ou só nomeia uma alienação?

Para pensar essa alienação hoje é necessário fazê-la consoar com a mercantilização, já que o capitalismo selvagem oferece mercadorias como um arsenal de meios para alcançar a satisfação, incidindo nos modos de gozo, pois oferecem satisfações que não conseguem erradicar a falta de gozo, mas ao contrário, intensificam seu frenesi. O excesso do gozo avança ao lado da degradação do sujeito como tal.

O movimento de generalização das adições deixou o uso da expressão “toxicomania” ao campo restrito do consumo de substâncias tóxicas.

Com relação à “toxicomania” escutam-se reações que se colocam a favor de coagir essa satisfação, com a justificativa de que se dizem a favor da vida. O campo das toxicomanias é um campo do qual todos querem sair e no qual só se veem dentro com surpresa. Escuta-se: “Comigo não vai acontecer”; também: “Meu filho está livre disso”; ou: “posso parar quando quiser”. São frases que nos mostram que se trata de um imperativo difícil de subjetivar. Só é reconhecido quando já se desencadeou, quando já é um fato diante de nossos olhos. O “estranho” – tal como descrito por Freud – o mais próprio, que é vivido como vindo de fora enquanto fora

de tempo e lugar, vai caindo como próprio e, algumas vezes, como privativo das toxicomanias. Isso dificulta a possibilidade de reconhecer-nos nessa verdade com a que vivemos hoje.

Esse privilégio depositado no campo das toxicomanias ressoa em leituras que se referem aos fenômenos que irrompem no âmbito do público. E que, geralmente são lidos e “explicados” pelo consumo de substâncias. Funciona para contornar, ou fechar, qualquer ferida aberta produzida por algum fato que denuncia o pior. Que coloca em evidência o pior de cada um, do qual “não queremos saber nada”.

Poderíamos dizer que o uso daquilo que nomeia a “toxicomania” e seu campo ficou restrito para conduzir ao pior. Ao contrário, as denominadas “adições” contam com a anuência da maioria, e até com certo glamour.

Para concluir, diria que o mercado bateu à porta de um ponto sensível de nossa subjetividade, nessa marca estampada no corpo que comemora e inaugura, a cada vez, nossa relação com a satisfação. Essa que nos faz singular e paradoxalmente, onde é mais difícil reconhecer-nos. Essa relação nos vincula a um modo de viver que se reitera a cada vez. Nesse sentido, todos somos aditos a essa marca fundamental. Desde aquela mítica, primeira experiência de satisfação, torna-se patente o caráter aditivo que se põe em jogo na relação com o gozo. O exemplo *princeps* é a relação com a chupeta e aquilo que nunca deixa de estar como modo de satisfação: pode-se mudar de objeto, porém a marca não cessa de incidir.

O mercado bate nessa porta, ofertando total satisfação, comandá-la com um sem fim de mercadorias com o que, na realidade, lança ao infinito da satisfação frenética que mencionei anteriormente, deslocando o sujeito portador dessa marca.

A psicanálise convida aos sujeitos a andar no caminho dessa satisfação. Um trajeto que requer de um sujeito decidido caminhar em direção a reconhecer-se nesse traço que o marcou e hoje o faz viver. O caminho da psicanálise resultará no “saber fazer” com o mais singular que nos habita, o que nos mantém fixados à vida com outros. Considero que essa operação, longe de lançar-nos a um infinito, deixa sempre um resto como saldo.

Tradução do espanhol: Maria Célia Reinaldo Kato

Revisão: Márcia Mezêncio

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. “Análisis terminable e interminable”, en Obras Completas, Tomo XXIII, Buenos Aires, Amorrortu, 1975.

FREUD, S. “Lo ominoso”, en Obras Completas, Tomo XVII, Buenos Aires, Amorrortu, 1975.

LACAN, J. “El seminario, Libro 10. La angustia”, Buenos Aires, Paidós, 2008.

MILLER, J.-A. “El ser y el uno”, inédito.

Oscar Reymundo (Florianópolis, Brasil)

Psicanalista. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP)

1. COMO VOCÊ ENTENDE A FIXAÇÃO DE UM SUJEITO AO OBJETO DROGA?

Estamos transitando em uma época na qual nos deparamos, dentro e fora dos consultórios, com um forte empuxo à constituição de sujeitos que não mais se caracterizam por ser o que um significante representa para outro significante, mas que se apresentam como representados por sua fixação de gozo. Diferentemente dos tempos em que o Complexo de Édipo realizava sua função pacificadora e de ordenador da realidade, hoje, os sintomas, que poderíamos chamar de contemporâneos, não mais se ajustam e são refratários à suposição de um saber no Outro, capaz de estabelecer um modo de regulação do gozo que permitisse organizar uma vida com outros. Por outro lado, e como modo de se defender do real da falta-em-ser, o assim chamado sujeito hipermoderno responde com uma identificação a um gozo que implica em uma satisfação mortífera que pode encontrar em uma substância tóxica o seu objeto. “Sou viciado em cocaína”, “Sou maconheiro”, e o mais recente “Sou adicto”, são os modos de nomear a aderência compulsiva de um gozo a uma substância tóxica, muito embora o significante adicto não faça referência direta ao uso compulsivo da substância. Nos tempos que correm, vemos os objetos das adições se multiplicarem em séries intermináveis.

Um dos modos de aproximar as palavras ao real que orienta a existência dos seres falantes é dizer que nada é para sempre. Também não é para sempre a felicidade que, quando o faz, se apresenta de modo episódico, ocasional. Digamos que a própria vida atenta contra uma felicidade plena e duradoura, fruto de uma satisfação ininterrupta. O trabalho que deve ser feito para separar-se da miséria neurótica pode nos levar à modéstia que implica em consentir com a infelicidade de todos os dias, consentir com o impossível que orienta a vida e que, ao mesmo tempo, nos convida a inventarmos soluções para isso que se apresenta como estranho, perturbador e enigmático para cada um, isto é, seu gozo, seu corpo, o desejo, a relação com os outros que falam e, porque falam, demandam. Alcançar essa solução, sempre singular, pode ser motivo de satisfação e de felicidade que, certamente, não serão para sempre. Em se tratando dos seres falantes e suas invenções é impossível qualquer operação sem resto, apesar do capitalismo sonhar que seria possível nada perder e sempre ganhar. Resto que é necessário saber tratar e com o qual é fundamental poder produzir um saber fazer que possibilite estar no laço social com outros. E é, precisamente, nesse ponto onde as drogas encontram seu lugar na economia libidinal do sujeito. Na sua tentativa de evitar ou escapar do mal-estar próprio do que falha e do que não se encaixa, apostando na infinitização de uma satisfação sem efeitos de desarranjo, o entorpecimento aparece como uma possível escolha do sujeito. Escolha que não será sem efeitos para a subjetividade. Às vezes, esse entorpecimento torna mais ou menos suportável levar a vida com outros, como em alguns casos de psicose; outras vezes, torna impossível a própria vida fazendo com que o sujeito se precipite em um gozo que, por excessivo, é nocivo e autodestrutivo. Como se um destino de repetição se impusesse ao sujeito através de um consumo compulsivo a serviço do supereu que, seja qual for a nobreza simbólica com a qual pode se apresentar, tem sempre uma

inseparável relação com a pulsão de morte.

2. QUAL É PARA VOCÊ A ESPECIFICIDADE DA TOXICOMANIA EM RELAÇÃO À GENERALIZAÇÃO ATUAL DAS DENOMINADAS ADIÇÕES?

O problema e, até diria, o ruído que para mim se apresenta, a partir dos últimos anos, com o uso dos termos adição e adictos, passa pela pretensão de abarcar, com o uso desses significantes, todos os atos compulsivos aos quais os seres falantes podem se precipitar, apagando assim, o que há de específico a ser desentranhado em cada um destes atos. Ao mesmo tempo, há toda uma história relativamente recente, ligada ao significante adições, que tem foracluído o clássico conceito de toxicomania, a ponto de desconsiderar a relação singular que um sujeito pode ter, por exemplo, com uma substância que, introduzida no corpo, produz um tipo especial de satisfação. Tal satisfação deve ser situada, um a um, para entender o que está em jogo em cada sujeito nesse ato de intoxicar-se (SALAMONE, 2011, p.44). Assim, “ser adicto” a seja lá o que for, virou rótulo que define um ser e organiza um tipo de abordagem desse ser que está na contramão da ética psicanalítica e da política do sintoma. Acho eu que, com o significante toxicomania, do jeito como ele é empregado na psicanálise de Orientação Lacaniana (prática na qual estamos alertados para não escorregar dando consistência ao “ser toxicômano”), não só se faz referência a um gozo que se obtém através da prática da intoxicação, quanto ao uso que cada um faz da substância. Uso que não se pode generalizar nem indiferenciar, chamando alguém de adicto. O uso da substância não é alheio ao modo em que cada um se estruturou na sua relação com a linguagem. Digamos que o uso que fazemos na Orientação Lacaniana do termo toxicomania é solidário com o velho conceito de Pharmakon. Não é por mero acaso que esse seja o nome da publicação dos grupos e instituições de Toxicomania e Alcoolismo do Campo Freudiano. E, junto com isso, não podemos perder de vista que com o termo adições se apaga essa localização tão original que Lacan fez do significante droga ao dizer que uma droga é o que permite romper o matrimônio do sujeito com o falo (SALAMONE, 2011, p.45), destacando que é, justamente, essa ruptura o que caracteriza a especificidade do gozo nas toxicomanias.

Referência bibliográfica

SALAMONE, L. *Cuando la droga falla*. Caracas, Pomaire, 2011, p. 44.

Pablo Sauce (Salvador, Brasil)

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Coordenador do Núcleo de Pesquisa sobre Toxicomania e Alcoolismo do Instituto de Psicanálise da Bahia (TyA-Ba)

1. COMO VOCÊ ENTENDE A FIXAÇÃO DE UM SUJEITO AO OBJETO DROGA?

Interessa-me abordar a especificidade da droga a partir do impasse que esta provoca na operação analítica.

A hipótese freudiana da *Fixierung* - fixação (de gozo) - apoia-se no conceito de libido e supõe o deslocamento: algo que deveria deslocar-se, desenvolver-se, fixar-se ou retornar. O que deveria ser substituído permanece: um modo de satisfação que reproduz uma perda de gozo impossível de recuperar.

Uma fantasia tem a função de colocar – fixar - o objeto perdido *no* corpo do Outro em um movimento de recuperação desse gozo perdido. Assim, o que mantém um modo de gozo no lugar é o Outro: é a vontade inscrita *no* Outro (MILLER, 2005, p. 157).

Atualmente há uma grande dificuldade, própria do gozo contemporâneo, de situar o modo de gozo a partir do Outro. Nesse sentido podemos entender as adições contemporâneas como envolvendo certo tipo de sujeito que não alcançou à colocação do objeto *a no* Outro.

Ao ser excluído da estrutura da lógica do significante, o objeto fica localizado nesse espaço que é nem dentro nem fora. Uma consequência dessa exclusão, no nível do corpo, **é que não há nenhum limite para a produção do objeto *a*** como mais-de-gozo. Outra consequência é que o objeto *a* passa a deambular sozinho, separado dos corpos; porém, disposto a retornar sobre eles a qualquer momento. Desta forma, na toxicomania, o objeto em sua vertente de mais-de-gozo está aderido a um produto da indústria (BROUSSE, 2008, p. 24).

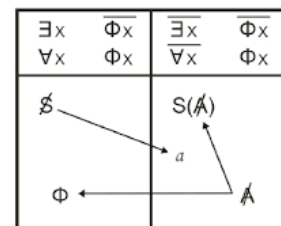
Um dos modos de retorno do objeto *a* como mais-de-gozo sobre o organismo é o objeto *droga*. É nesse sentido que entendo a *função* do objeto *droga* para um sujeito. Por sua vez, entendê-la como *função* nos permite operar no campo das toxicomanias: *wo Es war, soll Ich werden: lá onde a droga estava, eu, como sujeito, devo advir*; a partir da suposição de que a droga usurpou o lugar do sujeito que, no mais íntimo, se encontra *no* lugar do Outro. A droga materializa este mais-de-gozo. Desse modo, quando um sujeito se encontra (des)orientado pelo discurso tecno-capitalista, os efeitos do encontro contingente com uma droga poderão produzir um acontecimento de gozo inesquecível (MILLER, 2005, p. 190). E, a partir daí, assumir um modo de gozo como uma verdadeira investidura.

2. QUAL É PARA VOCÊ A ESPECIFICIDADE DA TOXICOMANIA, EM RELAÇÃO À GENERALIZAÇÃO ATUAL DAS DENOMINADAS ADIÇÕES?

O *mais além* - do princípio do prazer - concerne sempre à ruptura do equilíbrio, que pode começar com as cócegas, e, como disse Lacan, terminar na labareda de gasolina (MILLER, 2005, p. 159).

A partir da hipótese da feminização do mundo e da particularidade do modo de gozo contemporâneo, determinado pela positivação - mostração do gozo que há - e não mais pela sua negatização (SINATRA, 2013, p. 25), podemos nos orientar pelas fórmulas da sexuação.

O lado feminino das fórmulas implica em estar suspenso entre duas vertentes; por uma parte, a do vazio existencial com sua falta de limite: $S(A)$ - vertente da labareda; e por outra, a que se dirige ao gozo fálico (Φ), categoria que sustenta o acesso ao todo, à exceção e ao limite - vertente das cócegas:



A título de hipótese, proponho diferenciar a especificidade da toxicomania da generalização das adições a partir da suspensão do fiel da balança, em cada caso, entre essas duas vertentes: no extremo da vertente da labareda $S(A)$ colocaria a verdadeira toxicomania, onde a categoria do falo não seria operatória (insubmissão ao serviço sexual) e o objeto droga funcionaria, sem exceção, como condensador de gozo.

Do outro extremo (Φ), na vertente das cócegas, a masturbação como paradigma das adições generalizadas, onde teríamos a submissão ao gozo fálico. No caso das adições generalizadas se trataria de um tipo de gozo – cínico - que não passa pelo corpo do Outro, senão pelo próprio corpo (autoerotismo): há uma recusa a que o gozo do próprio corpo seja metaforizado pelo gozo do corpo do Outro. Por isso equivale ao primeiro tempo da tese freudiana sobre a adição, onde através do ato da masturbação, se opera um curto-circuito que *assegura* ao sujeito o casamento com o gozo fálico, e que não descarta a inclusão do outro imaginário na fantasia. Trata-se aqui de um gozo fragmentado, sexual.

Na vertente da especificidade da toxicomania, além de não passar pelo Outro, como nas adições generalizadas, também não passa pelo gozo fálico. Temos aqui a tese lacaniana de que a droga permite *romper* o “casamento com o pequeno pipi”, pois permite a fuga do problema sexual. Salvo na psicose, claro, onde o rompimento é anterior ao encontro com a droga.

Segundo a tese lacaniana sobre a droga (NAPARSTEK, 2005, p. 39), nas adições generalizadas teríamos a inscrição do falo - primeiro tempo -, porém à falta de sua posta em função – segundo tempo -, o gozo ficaria estancado, não se deslocaria. Por sua vez, a especificidade da toxicomania implica a não inscrição do falo – tempo zero - onde o gozo permanece real, como gozo do órgão e faz-se necessário o objeto droga para aparelhá-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROUSSE, M.-H. “Objetos soletados no corpo”, in *Arquivos da Biblioteca*, 5, Rio de Janeiro, EBP-Rio, Junho de 2008.
- MILLER, J.-A. “A volatilização da *Fixierung* freudiana” (cap. 11), in *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.
- MILLER, J.-A. “Modos de gozo” (cap. 11), in *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.
- NAPARSTEK, F. “La tesis lacaniana sobre la droga” (Clase IV), in *Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo*, Buenos Aires, Grama Ediciones, 2005.
- SINATRA, E. “La feminización del mundo” (Cap. II), in *L@s nuev@s adict@s: la implosión del género en la feminización del mundo*, Buenos Aires, Ed. Tres Haches, 2013.

Raquel Vargas (Buenos Aires, Argentina)

Psicanalista. Membro da Escuela de la Orientación Lacaniana (EOL). Membro da Associação Mundial de Psicanálise (AMP)

1- COMO VOCÊ ENTENDE A FIXAÇÃO DE UM SUJEITO AO OBJETO DROGA?

“Talvez quem não sofra de neurose tampouco necessite de intoxicação para atordoar-se.” (Freud, 1927, p.48)

A epígrafe, que escolhemos para delimitar a resposta a essas duas questões, nos situa da seguinte maneira: existem pessoas desnordeadas e entre elas há um tipo especial, que necessita para tratar a sua condição de um objeto do mundo, uma substância da realidade.

Que podemos dizer a respeito da fixação de um sujeito ao objeto droga? Talvez convenha situar em primeiro lugar o conceito de fixação. É um conceito que Freud ressaltou e que assinala, de modo geral, um estancamento da libido, que podemos entender como uma falta de mobilidade. Em seguida, esclarecer a questão, em que essa quietude tem um lugar referido ao tóxico, ao objeto droga. Deixaremos de lado, por enquanto, a noção de sujeito e a de objeto, que, se as pensarmos desde a perspectiva da psicanálise, quer dizer, de alguém que se submete à experiência analítica, têm coordenadas precisas a partir da verificação do funcionamento, ou não, da castração.

A fixação ao objeto droga situa alguém ligado a um ciclo de repetições no consumo dessa substância. Podemos localizar pontos diferenciais nesse amplo sintagma: o objeto droga. É preciso fazer diferenças entre elas, como indica J-Alain Miller (Miller, 1996-97, p. 52). A partir das diferenças que ele estabelece no uso das mesmas: maconha, heroína, cocaína ou álcool, notamos que essa prática pode ou não interromper o laço social. Cabe aqui a questão de saber se, quando dizemos fixação ao objeto droga, estamos situando uma patologia que chega a um grau máximo que conhecemos como separação do Outro. O sujeito prefere esse objeto a qualquer outro. Essa preferência se revela na prática que conhecemos como gozo toxicômano e é uma preferência inclusive mais potente que qualquer sentimento de preservação da própria vida que parte de seu corpo. É um gozo que não quer o bem do sujeito, e portanto, é um gozo que questiona o que Freud quis fazer existir como pulsão de autoconservação.

A droga tem seu êxito, diz Lacan (Lacan, 1975, p. 16), e é o da ruptura do casamento com o “pequeno faz pipi”. Eu acrescento, então, que se trata de uma fixação paradoxal uma vez que o que ela revela é uma ruptura. Perguntamos-nos, frequentemente, nessa via, sobre a função do tóxico.

2- QUAL É PARA VOCÊ A ESPECIFICIDADE DA TOXICOMANIA EM RELAÇÃO À GENERALIZAÇÃO ATUAL DAS ASSIM CHAMADAS ADIÇÕES?

De modo amplo, a droga é o ponto de referência que nomeia uma prática, a toxicomania (Freud, 1997,

p.307). Para localizar a especificidade da toxicomania, diremos que ela se define como um modo de gozar que é direto (Miller, 1997, p.311), onde se prescinde do Outro e que se faz sozinho. Começa-se por prescindir do falo, e isso comprova uma relação com sua função, quer dizer, com a castração. Que é a castração? É a esperança de que o gozo se torne *partenaire* porque obrigaria ao sujeito a encontrar o complemento de gozo que falta ao Outro (Miller, 1996-97, p.67).

A droga se localiza na toxicomania como um tipo particular de *partenaire* e se justifica, assim, fazê-lo entrar no registro da relação do sujeito moderno com o objeto de consumo. Sua especificidade é dupla. Por um lado, se refere ao objeto droga, como destacamos, e por outro, o reconhecemos como um elemento sincrônico no desenvolvimento social contemporâneo e sua relação direta com o mais de gozar (Miller, 1997, p.312).

As adições designam um campo mais amplo que não localiza necessariamente um objeto fixo. A palavra *addictus* designou, em tempos muito antigos, um tipo muito concreto de escravos. Literalmente, traduz-se como “entregue ao outro” a que se deve enorme quantia de dinheiro ou favores. Talvez a partir desse pequeno elemento antigo possa compreender-se melhor que a modernidade a generalize a ponto de que qualquer coisa possa designar uma forma de adição, ou seja, de escravidão.

Lacan falou desde o começo de seu ensino dessa figura, o escravo, que encontramos desde sempre na história da realidade humana, exceto na China. É importante localizar no escravo um elemento atemporal, por sua presença generalizada, que é o que Freud descobre com o nome de pulsão. Lacan assinala algo sobre esse ponto no seminário que se conhece como “*Os não tolos erram ou Os nomes do pai*”. Cito: “A única civilização verdadeiramente mordida pelo gozo, era preciso que tivesse escravos. Porque quem gozava eram eles. Sem os escravos, nada de gozo” (Lacan, 1973).

A generalização do termo adição se justifica se o pensamos em relação à pulsão. A pulsão é algo que domina, impõe sua satisfação. Se a castração cumpre sua função, a pulsão aceita um curto-circuito e a palavra fornece sua materialidade. Pode-se também ser escravo da palavra. Lacan expressou seu desejo de um discurso sem palavras. Era o anseio de um discurso sem escravos? Pode-se ser adito-escravo de tantas maneiras! A escravidão parece uma condição inicial que se imprime a partir de um primeiro choque pulsional que o sujeito experimenta. Intui-se, nas chamadas adições, um movimento, um deslocamento, enquanto que nas toxicomanias, não. A toxicomania é uma escravidão realizada, sem mestre? As adições são as escravidões em busca do mestre?

Para concluir, diremos algumas palavras sobre o sujeito e o objeto, já que são termos presentes na primeira pergunta. O objeto *a* que Lacan forjou não é o objeto droga. O objeto *a* não é uma substância. É vazio, borda. As materializações do vazio podem encarnar-se em substâncias e objetos. São modos de povoar o deserto que cresce como Nietzsche anunciou. O sujeito, aqui, se divide ou desaparece.

De modo que não é seguro que, quando falamos do objeto droga, possamos falar de sujeito, que é sempre lógico e parte do 0, de um vazio, tal como o entendemos na experiência da palavra e da linguagem.

Sujeito e objeto em psicanálise designam a possibilidade de uma gramática no deserto em que, como nos diz Lacan, geralmente há um mundo louco (Lacan, 1966/ 67, p.11).

Tradução do espanhol: Maria Wilma S. de Faria

Revisão: Márcia Mezêncio

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Freud, S., El porvenir de una ilusión, Ed. Amorrortu, Tomo XXI, Bs.As.

Miller, J.-A. La teoría del Partenaire, Revista Lacaniana año X nro.19. EOL 2015

Lacan, J. Encerramento das Jornadas de Estudo de Cartéis da Escola Freudiana de Paris, publicado neste número de Pharmakon Digital .

Freda, H. La toxicomanía, una nueva forma de síntoma, ponencia en la clase del 2 de abril de 1997 en El Otro que no existe y sus comités de ética, ed. Paidós, 2005.

Miller J. -A. El Otro que no existe y sus comités de ética, ed. Paidós, 2005.

Lacan J. Los no incautos yerran, Clase 2, inédito.

Lacan, J. La lógica del fantasma, Lacaniana, año VII, n. 10, EOL, 2010



ESTÉTICAS DO CONSUMO

A RUPTURA COM O GOZO FÁLICO E SUAS INCIDÊNCIAS NO USO CONTEMPORÂNEO DAS DROGAS

THE BREAK WITH THE PHALLIC JOUISSANCE AND ITS IMPLICATIONS FOR CONTEMPORARY USE OF DRUGS

Lilany Pacheco (Belo Horizonte, Brasil)

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Coordenadora do Núcleo de Toxicomania do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais

Resumo: A resenha do livro de Jésus Santiago: “A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência”, privilegiou a discussão efetuada pelo autor sobre a definição lacaniana da droga como o que permite romper o casamento com o falo e o lugar desta conceitualização no ensino de Lacan, de modo a esclarecer as incidências dessa afirmação para pensar o uso das drogas na contemporaneidade.

Palavras-chave: droga, toxicomania, gozo, ciência.

Abstract: The book review of Jésus Santiago’s: “The drug addict: a cynical partnership in the era of science”, focused the discussion made by the author of the lacanian definition of the drug as allowing to break the marriage with the phallus and the place of this conceptualization in Lacan’s teachings, in order to clarify the implications of this statement to think the use of drugs in contemporary times.

Keywords: drug, drug addiction, jouissance, science.

O encontro com o livro “A droga do toxicômano” se deu antes do lançamento da primeira edição, em 2001. Jésus Santiago me confiou, em 1994, a brochura com a tradução de sua tese realizada na Universidade Paris VIII, em Paris. A leitura desse trabalho de tese teve um efeito decisivo em minha formação psicanalítica, dada a sua inserção decidida na chamada “orientação lacaniana”, essa que, todos sabemos, é sustentada, desde o início dos anos 80, por Jacques-Alain Miller. Escrito no início dos anos 90, em sua primeira edição impressa, em 2001, o autor adverte ter feito modificações em função de seus avanços sobre o tema. O tempo transcorrido desde sua primeira edição permitiu que saudássemos o livro de Jésus Santiago pela primorosa revisão efetuada na obra de Freud, pós-freudianos e Lacan, da qual podemos extrair coordenadas inestimáveis para uma clínica psicanalítica das toxicomanias, a saber:

1. Para Lacan o fenômeno toxicomaniaco caracteriza-se pelo uso metódico e ordenado dos diversos produtos que materializam o efeito real da ciência sobre o corpo.
2. Assim sendo, o uso destas substâncias tóxicas torna-se objeto de uma hipótese que se inscreve no horizonte da chamada dimensão ética do gozo.
3. Abordar a toxicomania sob o ponto de vista ético do gozo do corpo leva, certamente, a concebê-la como um modo particular de satisfação, distinto da dependência biológica própria de toda concepção moral, repressen-

siva e biologicista em relação ao ato toxicômano.

4. Historicamente, as drogas passam a existir para responder ao que as velhas escolas de pensamento nunca evitaram como uma das próprias leis de sua reflexão ética: a questão do gozo do corpo.

5. Atualmente, a ciência fornece operadores químicos capazes de se constituir em reguladores da própria economia libidinal, cuja única finalidade é extrair satisfação no nível do corpo. Essa seria a técnica do corpo que poderia ser considerada como um mais-gozar especial, em razão do modo de captação dos excedentes do gozo gerado pelo uso da droga e as parcerias cínicas decorrentes, na contemporaneidade.

6. Circunscrever o fator econômico, ou a dimensão ética do gozo, presente na relação do sujeito com a droga adverte da recusa a toda concepção do ato toxicomaniaco baseada na problemática noção de dependência química, que se mantém restrita ao aspecto da repreensão ou da desintoxicação via abstinência das drogas, admitindo-se, portanto, a originalidade da psicanálise e as implicações do desejo do analista frente a toda e qualquer vontade de obturar o real pelas falsas ciências que são reclamadas para a orientação do tratamento do uso de drogas na contemporaneidade.

7. Enfim, dentre os pontos já destacados sobre o trabalho primoroso de investigação feito por Jésus Santiago em “A droga do toxicômano”, encontramos, de modo inédito, as coordenadas para a extração de uma abordagem clínica propriamente lacaniana da droga, cotejada com as proposições de Freud e dos pós freudianos que tentaram, sem êxito, situar a distinção entre o objeto droga e o objeto “genital”, recaindo sempre na hipótese da toxicomania como perversão.

8. Baseando-se nos escritos de Lacan sobre a Psicanálise e a Medicina, Jésus Santiago esclarece que “a questão clínica da droga expõe, justamente, o paradoxo da satisfação extraída de um objeto, cuja nocividade tóxica para o organismo a investigação científica limita-se a reiterar, de forma monótona e indefinida. Esse paradoxo consiste, pois, em que o sujeito não procura, forçosamente, um objeto que lhe traga o bem” (SANTIAGO, 2001, p. 147-153). Assim, há uma indiferença quanto ao objeto, porta aberta aos *gadgets*, tal qual explicitado na introdução ao capítulo IX, objetos prontos para gozar de forma muito particular, objetos que nem sempre possuem um efeito de substância agindo sobre o corpo, mas coincidindo com a indiferença quanto ao objeto e toda a vertente paradoxal da satisfação da pulsão e suas relações com o corpo.

A perspectiva de acompanhar os avanços sobre o tema se fará presente na nova edição de “A droga do toxicômano” tendo em vista o alcance e os atuais horizontes clínicos desenhados pelo ultimíssimo ensino de Lacan. Pretendo destacar, nesse momento, o trabalho realizado por Jésus Santiago no capítulo intitulado “Vontade de ser infiel ao gozo fálico”, no qual retoma a definição lacaniana da droga formulada na *Seção de Encerramento da Jornada de Estudos dos Cartéis da Escola Freudiana* (1975). Lacan faz uma articulação precisa sobre o uso da droga pelo sujeito. Localiza a angústia no momento em que o “pequeno bom homem” “apercebe-se de que está casado com o seu prolongamento” (pipi), “é o que se chama geralmente pênis ou *pine*, e que se infla ao se perceber que não há nada melhor para fazer falo”. Contudo - prossegue Lacan - “se há alguma coisa nas *Cinco Psicanálises* que é para nos mostrar a relação da angústia com a descoberta do pequeno pipi”, (...) «é porque eu falo de casamento que eu falo disso; tudo o que permite escapar a esse casamento é evidentemente

bem vindo, de onde o êxito da droga, por exemplo; não há nenhuma outra definição da droga que esta; é o que permite romper o casamento com o pequeno-pipi.» (SANTIAGO, 2001, p.167 e segs)

A discussão exaustiva da definição lacaniana da droga - “é o que permite romper o casamento com o pequeno-pipi.” - promovida por esse autor, esclarece a distinção entre o gozo masturbatório e suas vias autoeróticas, a perversão e o gozo na toxicomania situando a pista de Lacan para a castração como gozo que libera necessariamente uma angústia. A metaforização do Desejo da Mãe pelo significante do Nome-do-pai e as formas da carência paterna que podem se apresentar nesta operação lógica situam a investigação sobre o fenômeno toxicomaniaco no terreno da conceitualização da falha, do buraco no gozo fálico, introduzida por Lacan no curso de sua investigação sobre as psicoses. “Essa conceitualização sobre a exclusão da ordem fálica nas psicoses é, inicialmente, formalizada pelo matema phi-zero [Φ_0]; e, para a falha na simbolização do Nome-do-pai, Lacan propõe a notação [Po].” (SANTIAGO, 2001, p. 176). O trabalho rigoroso de investigação de Jesús Santiago nos conduz pela mão até o cerne das interrogações lacanianas das diversas condições nas quais um termo implicaria necessariamente o outro e, em especial, as possibilidades de ocorrer ruptura com o gozo fálico sem que haja forclusão do Nome-do-Pai. Campo aberto à investigação, uma vez que, como analistas, estamos diante dos mais genuínos fenômenos da prática da droga em nossos dias.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACAN, J. IV Jornadas de Estudos dos Cartéis da Escola Freudiana/Sessão de Encerramento. Publicada neste número de Pharmakon Digital.

SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001 (Campo Freudiano do Brasil).



TEXTOS TEMÁTICOS

CINCO AXIOMAS APLICADOS À CLÍNICA DAS TOXICOMANIAS

FIVE AXIOMS APPLIED TO THE CLINIC OF DRUG ADDICTIONS

Darío Galante (Buenos Aires, Argentina)

Analista praticante da Escuela de la Orientación Lacaniana (EOL) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Co-diretor de TyA Argentina.

Resumo: O trabalho propõe revisar cinco axiomas que Jacques-Alain Miller postula para a clínica psicanalítica de nossa época e sua aplicação à clínica das toxicomanias.

Palavras-chave: Psicanálise, toxicomanias, hipermodernidade.

Abstract: This paper deals with five axioms that were forged by Jacques-Alain Miller to illustrate the actual psychoanalytical clinic and their application to the clinic with drug addictions.

Keywords: Psychoanalysis, drug addictions, hypermodernity.

Na clínica atual, geralmente o psicanalista encontra-se com um sujeito desorientado. No campo das toxicomanias podemos verificar que muitos pedidos de tratamento não são mais que uma demanda em que o discurso capitalista opera em sua faceta de devastação. Frequentemente se demandam tratamentos para moderar o consumo e, precisamente, continuarem consumindo.

A proliferação de objetos que o mercado oferece produz o paradoxo através do qual se promove um gozo em que o sujeito fica atrapalhado em um falso dilema. Como não há uma responsabilidade orientada, surge a ansiedade, confundindo assim uma prática de gozo com uma eleição. Por sua vez, se impulsiona uma cura ao mal-estar contemporâneo com os métodos próprios que o sistema oferece como fantasia. Uma ficção baseada na ideia de que se pode abordar o sofrimento sem passar pelo sintoma.

Devemos nos perguntar se isso é possível, ou melhor: pode-se abordar o sofrimento sem passar pelo sintoma? E devemos responder que a princípio, sim. Sobretudo se partimos da ideia de que, tratar um mal-estar não é o mesmo que transformá-lo em uma experiência pela qual o sujeito possa fazer algo diferente com o inefável.

Em muitas ocasiões, o psicanalista é demandado como um especialista em toxicomanias, eleito como um representante de agente da saúde. Colocado nesse lugar, pode-se demandar a ele o mesmo que a muitos outros: sentido, chegando a ser um objeto de uso.

O TÓXICO E O CORPO

O que leva um sujeito a querer incorporar uma e outra vez o tóxico em seu corpo? Esta pergunta é a chave para entender a problemática das toxicomanias. Podemos dizer que o cerne do assunto não passa tanto pelo consumo em si, que inclusive pode ser ocasional, senão pela repetição dessa prática. Para responder a essa pergunta, podemos orientar-nos com Jacques Lacan, quando em seu Seminário XIX situa a relação desordenada que tem o ser falante com seu corpo, atribuindo ao gozo a causa de tal perturbação e à linguagem a função de suplência que ordena, em

cada sujeito de um modo particular, a intrusão do gozo na repetição corporal. (LACAN, 2012, p.42)*.

Pode-se entender melhor essa referência, sobretudo no que se atém à problemática das toxicomanias, a partir do que estabelece Jacques-Alain Miller (MILLER, 2003, p.272) quando destaca que o que Lacan demonstra é que todo gozo material é gozo Uno, gozo do corpo próprio. Quer dizer que sempre é o corpo próprio o que goza. Seguindo essa exposição é que podemos sustentar que “um pode drogar-se com drogas, porém também com o trabalho, a preguiça, a televisão. Em outras palavras, esta intuição que se repete, sem pensar demais, repousa em uma evidência: o lugar próprio do gozo em todos os casos é o próprio corpo, e assim o gozo é uma dimensão essencial do corpo” (MILLER, 2003, p. 272). Podemos supor, então, que originalmente está o gozo do corpo e, depois, o objeto do gozo, sendo as drogas um desses objetos possíveis.

A partir de *mais, ainda* (LACAN, 1985), Lacan se dedica a mostrar que o gozo é fundamentalmente Uno, colocando ênfase em que, primariamente, é o corpo próprio o que goza, mais além do Outro.

O SER E O CORPO

Para o homem, sua falta em ser, como efeito do significante, divide seu ser de seu corpo. Por um lado se é (ser) e por outro, se tem um corpo (ter). Pelo fato de possuir um corpo o homem também tem sintomas. Se tem sintomas porque não se é um corpo, senão porque se tem um corpo. Os imprevistos que sucedem no corpo assinalam cotidianamente que não se é um corpo, senão que se o tem. Esses imprevistos encontramos, por exemplo, em um sujeito que, em um momento importante de sua vida, ao fazer um discurso, sente muita vontade de urinar; um outro que sente que lhe seca a garganta; e também em um jovem que conquista muitas mulheres, porém que, quando encontra uma que o interessa, sistematicamente, gagueja.

Esses eventos, como tantos outros, se se sabe analisá-los, são acontecimentos discursivos que deixam marcas no corpo, que produzem sintomas. Quer dizer que o sujeito em análise pode encontrar os acontecimentos que traçam seus sintomas. O significante tem efeito de significado e ao mesmo tempo afeta a um corpo. O acontecimento funda a marca de afeto, vem ocupar o lugar do trauma, aquilo que mantém um desequilíbrio permanentemente: isto é o que chamamos acontecimento traumático. O afeto essencial, então, é a marca da linguagem sobre o corpo.

Diferenciamos, então, o que pode ser um acontecimento que gera angústia, por exemplo, a observação do coito dos pais, da marca da linguagem sobre o corpo, ainda que um episódio caia justo no lugar do traumático.

Esta ideia, a da linguagem como traumática, conduz Lacan a trabalhar, paulatinamente, sobre uma ideia do sujeito com um complemento corporal, e esse complemento corporal vai se construindo na conceitualização do objeto *a*.

Esse objeto marca o excesso de gozo que o sujeito padece em seu corpo pelo simples fato de ser um sujeito de linguagem. É um objeto em que se destacam duas vertentes. Por um lado, em termos lógicos, é um vazio, quando se o considera como objeto da pulsão, é um vazio em torno do qual gira o sujeito, sua consistência é de lógica pura. O segundo aspecto do objeto é que é uma extração corporal (MILLER, 2003). Finalmente, Lacan salva esta dicotomia entre o sujeito e o objeto com o termo *parlêtre*.

O importante nesse ponto é marcar o sintoma como estrutural no sujeito. Seu aspecto contingente é o que vai sucedendo na vida do sujeito, o que faz parte da envoltura formal do sintoma, enquanto sua faceta real se organiza a partir do que Lacan conceitua como não relação sexual. Esse é o grande trauma do parlêtre, o que deixa marcas no corpo do sujeito!

Miller (2012) assinala que a partir do seminário XX, Lacan vai trabalhar a passagem do sujeito ao *parlêtre*, é uma passagem que tem como consequência o maior peso que se dá ao corpo na direção da cura. Passa-se, desse modo, do significante puro (sujeito) ao sujeito mais o corpo (*parlêtre*).

É no seminário XXI, *Les non dupes errent*, que Lacan vai destacar que o acontecimento é o dizer de cada um (LACAN, 1974). Esse acontecimento não se refere ao simbólico, como o que acontece na história do sujeito, senão ao real, ao que se escreve mais além do deciframento.

Que o sintoma seja um acontecimento de corpo destaca então que a referência ao sintoma não está no Outro. O sintoma, sob esta perspectiva, deixa de ser um significado que vem ao sujeito do Outro, para passar a ser algo que lhe sucede em seu corpo enquanto Uno.

A definição do sintoma como acontecimento de corpo nos permite analisar um traço muito presente na prática das toxicomanias, que se apresenta como o primeiro obstáculo a superar: nesta prática se ingere uma substância no corpo que, em princípio, não se significa como sintoma.

OS CINCO AXIOMAS

Se a clínica das toxicomanias nos ensina algo, é precisamente isto: o gozo está no corpo. Então, o problema que se reedita uma e outra vez, quando a solução encontrada pelo sujeito é o tóxico, é como passar, na transferência, do Uno ao Outro.

Esse tipo de encruzilhada, que constatamos cotidianamente em nossos consultórios, nos permite pensar em uma série de casos, em que a abertura ao discurso do Inconsciente se apresenta em um horizonte de impossibilidade.

Há muitas consultas que, de algum modo, ficam nesta fase em que não há um chamado ao Outro e que, na verdade, às vezes só são tímidas intenções de manifestar alguma queixa. O mundo de hoje, o mundo das adiões, em que tudo pode converter-se em uma adição, condiciona de um modo muito particular os casos que chegam ao consultório do analista. Como sugerido no começo, considero fundamental precisar em cada consulta o que é que se demanda ao analista e como se demanda.

Em seu seminário *El lugar y el lazo*, Miller expõe que “poderíamos forjar princípios, verdadeiros axiomas (no sentido de “evidências incontestáveis”) que hoje encontramos no que eu chamava o mundo, nosso parceiro-mundo” (MILLER, 2013, p.82). Miller propõe ali cinco axiomas que podem dar-nos uma orientação muito precisa de como os sujeitos hipermodernos chegam para a consulta. Considero que esses desenvolvimentos estão especialmente indicados no que se constata naqueles que vão à consulta do analista mais para conseguir um alívio no princípio do prazer, do que para assumir uma responsabilidade em sua posição de sujeito (LACAN,

1998, p.873), quer dizer, que são especialmente indicados para aplicar-se aos casos das toxicomanias.

PRIMEIRO AXIOMA: O DESEJO MANIPULADO NO SENTIDO DA DEMANDA

O primeiro axioma consiste em reduzir o desejo e falseá-lo para convertê-lo em demanda, determinando, desse modo, uma oferta conforme a essa manipulação. Dou um exemplo de como se pode entender esse ponto. Um sujeito chega a uma consulta e depois de delinear um pouco o que lhe acontece, obtura seu dizer com enunciados similares a: “o que acontece com você é...”; “então, deveria fazer...”; “porque o que você quer, e não pode...”. É um procedimento relativamente fácil que explica em parte o boom de determinadas psicoterapias que oferecem tratamentos “fast food”.

Desse modo se constrói um desejo com o formato da demanda. Quer dizer, por exemplo, se um sujeito está com excesso de peso e se o conduz a perder peso, dá-se por subentendido que o desejo de um sujeito gordo é emagrecer. Do mesmo modo, se consome drogas, supõe-se que se não é bom para a saúde, então, certamente que seu “desejo” é deixar de usá-las.

Com a psicanálise sabemos que não há nada mais enganoso que a demanda e que não contemplar nela mesma certa obscuridade implícita em todo pedido, pode levar o tratamento a inumeráveis vias sem saídas.

SEGUNDO AXIOMA: O DIREITO AO GOZO

Esse axioma, que implica a inserção do gozo no registro do desejo, toca muito de perto aqueles que trabalham no campo das toxicomanias. É notável como demonstra, por exemplo, o consumo da maconha e todo o fenômeno associado à cultura da *cannabis*. As publicações, os fóruns, as marchas pela descriminação do consumo de maconha apontam a essa reivindicação do gozo.

Se nos concentramos nesse indivíduo contemporâneo, cansado, atormentado pela insegurança em suas múltiplas formas, agoniado pela falta de certezas, que chega à noite em casa e se conecta à televisão olhando o que lhe é oferecido, é possível entender melhor porque se reivindica o direito ao gozo.

Nesse ponto, é importante destacar a relação existente entre o fechamento em que um indivíduo pode cair e o encontro com um gozo excessivo e de rápido acesso. É ingênuo pensar que alguém vai parar de usar (drogas) porque isso faz mal a saúde. Isso é desconhecer o princípio pulsional que rege a conduta do ser falante. Reivindica-se então o direito a gozar do corpo, aumentado em muitas ocasiões pela escassez de gozo, pela falta de satisfação no cotidiano.

TERCEIRO AXIOMA: A PALAVRA CONCEBIDA COMO INSTRUMENTO DE BEM-ESTAR

Miller diz que isso subtrai à palavra de sua função de verdade, para convertê-la em uma função de equilíbrio psíquico, um meio de homeostase. Esse seria um princípio catártico baseado na ideia de que falar faz bem, o que, em parte, é certo.

Nossa clínica nos mostra o limite desta ideia, e podemos constatar como exemplo, os casos de alcoolismo. O alcoolista geralmente fala e muito. Entretanto, é o melhor exemplo de que falar não é dizer, e que se pode falar muito para não dizer nada.

Pode-se registrar, nesse ponto, casos que geralmente encontram-se em centros de atenção públicos, onde os indivíduos “consomem” seu tempo de tratamento e, quando esse período termina, vão em busca de outro espaço em que podem “falar do que acontece comigo”. É importante marcar que esses indivíduos não vão ao terapeuta necessariamente para efetuar uma mudança em suas vidas: muitas vezes vão para justificar seu modo de vida e suas misérias. É primordial, assim mesmo, localizar em alguns sujeitos a repetição e a explicação associada de porque se drogam. Em muitas ocasiões, quando o analista insiste com o sintoma, constata uma intensificação da resistência. Portanto, nesse axioma destaca-se, especialmente, o gozo de *lalangue*.

QUARTO AXIOMA: O SENTIDO É CONVIDADO A JOGAR CONTRA O REAL

Miller afirma que essa é a causa pela qual, atualmente, pode-se chegar a sustentar que o real não existe. Em uma epistemologia em que tudo pode ser relativizado, é o mesmo ser uma coisa ou outra, tomar uma decisão ou deixar que as coisas fiquem como estão. Consequentemente, o risco mais comum é que um indivíduo pode brincar de “analisar” seus consumos para, precisamente, continuar consumindo. Isso quer dizer que pode falar, por exemplo, uma e outra vez, durante anos, sobre sua adição a determinada substância, para precisamente justificar seu consumo. Nesse ponto, cabe ao analista forçar a ideia de que há um real e que esse real afeta o corpo, porque a metonímia a serviço do gozo é cúmplice da situação que se denuncia.

QUINTO AXIOMA: NÃO JULGAR

Na hipermodernidade se denuncia a inexistência de um fundamento real para julgar o outro. Essa falta de fundamento baseia-se numa alteração do papel da autoridade. A psicanálise, criada por Freud, forjou seus princípios e sua terapêutica a partir de uma exaustiva análise da sociedade disciplinar, onde o mundo estava condicionado ao Nome-do-pai, cuja principal função era estabelecer a proibição. Por outro lado, atualmente atravessamos uma etapa de consensos, que não deixa de ter seu lado positivo, uma vez que se dá voz a cada sujeito em particular, mas em um ponto torna-se desconcertante. Em muitos casos essa pluralidade esconde uma dificuldade para estabelecer um julgamento. Nota-se o problema que isso traz acoplado, quando se constituem os coletivos humanos e tem-se que chegar a um acordo entre as partes interessadas. Às vezes, sucedem-se cenas tragicômicas. Desde o mais importante até o menos importante deve ser consensual, em alguns casos há grupos que se auto dissolvem tentando definir um horário de reunião!

Esse princípio, não julgar, pode inibir de perguntar o que se tem que perguntar. Há que diferenciar, nesse ponto, o que seria julgar determinada situação de fazer uma valorização moral. Um exemplo: pode-se tomar uma posição determinada sobre as consequências que tem para um sujeito, no laço social, o consumo de uma

substância. Não há que confundir, então, as consequências éticas de uma determinada posição subjetiva do que pode ser sua valorização social e a série de preconceitos associados ao que, segundo a época, adquire um determinado sentido. Quer dizer que o tratamento das toxicomanias implica também a análise de cada situação em particular e a tomada de decisões concomitante a esta análise. Ainda mais no ponto em que nos encontramos. Já não é tão frequente encontrar aquele sujeito traumatizado por sua falta em relação ao Ideal, senão, um indivíduo desorientado, confuso por suas práticas de gozo (FORBES, 2015).

A consulta em que se apresenta um sujeito decidido em seu ser de gozo questiona os standards de qualquer prática. Esses cinco axiomas, muito presentes na clínica das toxicomanias, são obstáculos a considerar, sobretudo no início do tratamento, uma vez que em alguns casos impedem atingir um ponto em que o processo possa começar. Isso é indicativo, de algum modo, dessas novas apresentações do mal-estar contemporâneo.

Nessa nova (des)ordem simbólica que se coloca no século XXI, a prática das toxicomanias interpela o psicanalista: estará ele à altura das circunstâncias ou se refugiará em velhas receitas?

Com Lacan aprendemos que nossa clínica sempre deve preservar a dimensão da surpresa...

*“...a linguagem funciona, desde a origem, como suplente do gozo sexual. Através disso ela ordena a intromissão do gozo na repetição corporal”

** Chamo desse modo determinadas ofertas terapêuticas que se promovem acentuando os efeitos rápidos que supostamente conseguiriam ao não requerer por parte do paciente que se comprometa com o tratamento. Quer dizer, oferecem um produto, o terapeuta, que se “digere” com facilidade.

Tradução: Maria Wilma S. de Faria

Revisão: Cassandra Dias Farias

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FORBES, J. *Inconsciente e responsabilidade*. São Paulo: Manole, 2012.
LACAN, J. a ciência e a verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.873.
LACAN, J. *O Seminário*, Livro 19: *...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012, p. 42.
LACAN, J. *O Seminário*, Livro 20: *mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
LACAN, J. *Les non dupes errent*. Inédito. 1974.
MILLER, J.-A. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 2003.
MILLER, J.-A. *La fuga del sentido*. Buenos Aires: Paidós, 2012.
MILLER, J.-A. *El lugar y el lazo*. Buenos Aires: Paidós, 2013.

A ESPECIFICIDADE DA TOXICOMANIA

THE SPECIFICITY OF DRUG ADDICTION

Maria Wilma S. de Faria (Belo Horizonte, Brasil)

Analista Praticante da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), Membro da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Responsável pelo TyA no Brasil.

Resumo: O texto procura localizar o que há de específico na toxicomania, diferenciando-a da adição. Promove uma reflexão sobre o uso de substâncias no corpo, e como o corpo em sua vertente de resto está presente na toxicomania, diferentemente das adições.

Palavras-chave: Objeto droga, corpo, gozo.

Abstract: This paper aims to identify what is specific in drug addiction, differently from addictions. It promotes reflection about the use of substances in the body, and how the body as a rest is present in the drug addiction, differently from addictions.

Keywords: *Drug as an object, body, jouissance.*

O OBJETO DROGA

O convite feito por Mauricio Tarrab* para avançarmos na especificidade da toxicomania nos instigou e colocou a trabalho. Desde que nos dedicamos à investigação no campo da toxicomania, a psicanálise de orientação lacaniana nos ensinou a *não nos determos no objeto droga* e sim na singular *relação* que um sujeito estabelece com a mesma, sua forma de enlaçar e, também, a procurar localizar a *função que a droga ocupa na economia psíquica de cada sujeito*. Porém, uma questão nos acossa: o uso incessante, massivo, repetitivo de uma substância no corpo, a aderência pulsional de um sujeito a uma determinada droga, poderia ser colocada no mesmo patamar que uma relação intensa de um sujeito a um dos *gadgets* de nossa cultura, como os objetos eletrônicos, celulares, internet, entre outros? Um pouco de cautela se faz necessária ao considerar no mesmo nível a relação com objetos tão diferentes. Senão, vejamos: o objeto droga, substância introduzida no corpo, seja por via oral, nasal, injetável, causa efeitos químicos no corpo alterando a percepção, a consciência, provocando sensações novas, levando por vezes até ao colapso desse corpo. Há um real em jogo na relação que o toxicômano estabelece com a substância, real que muitas vezes coloca a morte no horizonte e como limite, o que não se pode negligenciar. Na prática clínica, especialmente em instituições especializadas, deparamo-nos com urgências de tal gravidade, quadros de intoxicação e/ou abstinência, onde uma intervenção no real do corpo faz-se também necessária por parte de médicos e clínicos, para que o sujeito não venha a sucumbir. O uso de crack tem trazido para a clínica contemporânea questões onde a dimensão autística do gozo lança o sujeito em uma relação circular no limite entre a vida e a morte. O corpo enquanto dejetado reduzido à dimensão de resto nunca se colocou tão em foco como na atualidade. Testemunhamos cada vez mais um corpo que se apresenta abandonado, onde o sujeito há muito saiu da cena. A princípio não há subjetivação possível frente a esse real atravessando o corpo. Essa parece ser uma especificidade que nos autoriza a não abandonar o significante *toxicomania*. Muitas vezes este corpo precisa ser tratado, cuidado, hidratado, “ganhar corpo” como os toxicômanos dizem, para que alguma dimensão da palavra possa ser alçada. Recursos institucionais, como leitos de desintoxicação e

repouso, medicações, acolhimento dia e noite, oficinas, são estratégias clínicas que possibilitam a interposição de uma distância mínima entre o sujeito, a droga e a cena de uso, tornando-se necessários a fim de promover uma escansão temporal. Na urgência, na crise, nas passagens ao ato, as palavras faltam, o silêncio impera. Um intervalo torna-se imprescindível para que algum contorno a este real aconteça e o esboço da palavra advenha. Neste intervalo, se há o encontro com alguém capaz de colher esses pedaços de real, disponibilizando uma escuta, e até mesmo entrando com seu corpo, sua presença, seu desejo, aí sim, uma diferença pode se dar. O fragmento do caso a seguir ilustra essa relação com a substância:

“Meu nome é crack”. Essa bizarra forma de apresentação me chamou a atenção quando M. veio ao atendimento em um serviço de saúde mental. Na toxicomania não é só um sujeito que define sua existência pela sua condição de satisfação, reduzido ao objeto, mas, como aponta Bassols, “para ser um sujeito representável ao Outro do campo social há que converter-se primeiro em um produto” (BASSOLS, 2011, p.17). Já não estamos diante apenas daquela antiga forma de apresentação: “Eu sou toxicômano!”. M. é crack, M. é o produto que consome, o retrato do consumidor consumido. A clínica tem mostrado que há um elemento de toxicidade inerente às substâncias, presente na fixação do sujeito com a droga que é incorporada. Um convite à invenção se faz para regular o gozo nesta degradação do corpo.

OUTROS OBJETOS

Temos, por outro lado, os outros objetos da cultura, objetos mais de gozar, que não são substâncias agindo no corpo e, poderíamos dizer, são de uso “externo”. Estes outros objetos funcionariam como um apêndice, um penduricalho, próteses, diferindo de algo que é incorporado. Não há necessariamente uma ação direta, curto-circuitada, no interior do corpo, causando seu entorpecimento e apagamento. Esta possivelmente é a grande diferença. O uso do termo *adições*, com sua ampla gama e espectro, em relação aos objetos do consumo, denota o cerne das inúmeras patologias do ato, como o jogo, a comida, a internet, bem como outras práticas aditivas e suas compulsões. Miller nos ensinou que vivemos em uma era regida sob a primazia dos objetos e toda sorte de excessos, onde se cruzam o discurso da ciência e o discurso do capitalismo. Na lógica capitalista há um culto ao consumo desregrado, os vínculos aos objetos são fugazes, fluidos e totalmente cambiáveis. Há um imperativo de ser feliz, além da crença de que a felicidade pode ser encontrada através dos objetos que se tem. O ato de consumir tornou-se a ordem do dia. Assim, o campo libidinal em sua vertente de gozo também pode estar presente nas adições. Temos, no consumo, variadas maneiras de adição dos sujeitos aos produtos oferecidos pela cultura que, também, deixam cada um sozinho com seu gozo, tentando aliviar o mal-estar de viver. Objetos de demanda, que entram como pura exigência de repetição, fazendo da cultura um campo fértil para a intoxicação generalizada. Mas aqui, mesmo que frágeis, as relações ainda conseguem estar preservadas, há algum enlaçamento com o Outro. A repetição estaria, então, mais próxima das adições, enquanto a fixidez, mais próxima da toxicomania.

REVISITANDO CONCEITOS

Retomando Bernard Lecouer:

O vinho é um parceiro silencioso e conciliador, que guarda a promessa de um gozo solicitado. [...] A satisfação tóxica é um gozo fabricado, monótono, sem adiamento; é isso que pode ser tido como gozo do Mesmo. Trata-se, para o sujeito de ser, não importa o que lhe aconteça, sempre o mesmo para o Outro (LECOUER 1992, p. 26).

A clínica nos ensina que há toxicômanos que estabelecem uma relação de fidelidade e exclusividade com uma droga. Não adianta lhes ofertar outra substância que em sua eleição buscam sempre a mesma. Ainda com o autor:

O liame do bebedor com a ingestão é tal, que cada trago representa também uma palavra, uma palavra reduzida à sua expressão mais simples e mais saturada: o estalo dos dentes, o traço de uma deglutição. Beber de um só trago, o trago de uma palavra. Isso sustenta uma prática da pulsão comandada pela busca de uma satisfação que as escórias de um corpo de gozo não danificam. Uma consequência importante deduz-se desse processo: o ser, ou seja, essa reunião do sujeito e do corpo, reunião à qual o bebedor se dedica, torna-se um termo, senão calculável, pelo menos finito (LECOUER 1992, p. 26).

Podemos dizer, então, que o gozo buscado, em sua vertente de mais de gozar, é sempre o mesmo.

Há outros sujeitos toxicômanos, entretanto, que tomam e usam qualquer coisa que lhes caia à mão, em um “aparente” deslocar metonímico. Contudo, este aparente deslocar também não deixa de os remeter à droga, que não deixa de ser a mesma. “A série de copos não se fecha numa adição. Não escapa, contudo, à ordem do contável e do número. Só conta o copo que falta...” (idem, p. 27). Assim, o copo, a pedra, a carreira de pó que conta como o que falta, vem promover, de alguma maneira, um tratamento ou, poderíamos dizer, seriam recursos utilizados por um sujeito que se esquia e /ou rompe a relação com a falta, o falo e o Outro. Daí a exigência de manter um gozo total no corpo e não também fora dele, de forma dialetizável.

Ainda sob a perspectiva de uma contabilidade, podemos ver com Miller (2011) que na repetição do Um há uma “irrupção de gozo inesquecível” e nesse ciclo de repetições ao qual o sujeito fica ligado, não há adição de nada.

Chamamos isso de adição a fim de qualificar essa repetição de gozo. Chamamos assim precisamente porque isso não é uma adição, já que as experiências não se adicionam. Essa repetição de gozo se faz fora do sentido. [...] O gozo repetitivo, que se diz da adição só tem relação com o significante Um, com o S1. Isso quer dizer que ele não tem relação com S2 que representa o saber. Esse gozo repetitivo é fora do saber, não passa de autogozo do corpo pelo viés do S1 sem S2 (MILLER, 2011).

Aprendemos com Lacan a partir do Seminário 20 que o corpo é feito para gozar e que “o gozo é aquilo que não serve para nada” (LACAN, 1985, p. 11). No falasser há, a um só tempo, gozo do corpo e também gozo que “se deporta para fora do corpo, gozo da fala que Lacan identifica com audácia e lógica, com o gozo fálico, desarmônico em relação ao corpo. O corpo falante goza, portanto, em dois registros: por um lado ele goza de si mesmo, ele se afeta de gozo, ele se goza; e, por outro, um órgão desse corpo isola um gozo à parte que se

reparte entre os objetos *a*” (MILLER, 2015, p. 29-30). Quando falamos dos toxicômanos, pelo menos os neuróticos, deparamos com sujeitos emudecidos, sujeitos que com a droga fazem um curto-circuito, contornando a castração e evitando lidar com todos os embaraços que a função fálica promove. Daí a pertinência da definição clássica de Lacan quando nomeia a droga como aquilo que permite ao sujeito romper o casamento com o falo. Na tentativa de *fazer um* com a droga, o toxicômano se afasta do Outro, se mantém sozinho, colado a seu mais de gozar, refratário ao outro sexo, ao Outro do significante, ao Outro do desejo. O toxicômano torna-se paradigma de nossa época e como corpo falante entregue ao gozo autoerótico.

PARA NÃO CONCLUIR

Retomando as questões iniciais, parece importante preservarmos o significante *toxicomania* para designar esta relação que um sujeito estabelece com o objeto droga, onde o corpo está colocado como lugar de gozo. Apostar no significante *toxicomania* nos direciona à escuta do parlêtre, fazendo valer a orientação lacaniana de um sujeito sempre responsável por seu modo de gozo e de estar na vida. Se na época em que vivemos há o declínio dos ideais e da autoridade e ocorre uma multiplicação de S1, a *adição* aos objetos de consumo deverá ser pensada, a cada caso, quando esta se torna ou não uma toxicomania. “Fazer o gozo passar para o inconsciente, isto é, para a contabilidade, é de fato, um deslocamento danado” (LACAN, 1970, p. 418).

NOTAS

* Por ocasião do encerramento do II Colóquio Internacional TyA realizado em São Paulo em setembro de 2015

REFERÊNCIAS

- BASSOLS, M. “Adicciones: um dormir sin sueño”. In: *Pharmakon 12*. Publicación de grupos e instituciones de toxicomania y alcoholismo del campo freudiano. Compilado por Luis Darío Salamone. Buenos Aires: Grama, 2011.
- LACAN, J. “Radiofonia”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1970.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LECOUER, B. “Clínica de um casamento feliz. Elementos para uma clínica psicanalítica do alcoolista”. In: *O homem embriagado: Estudos psicanalíticos sobre toxicomania e alcoolismo*. Belo Horizonte: Centro Mineiro de Toxicomania- FHEMIG, 1992 p. 20-29.
- MILLER, J.-A. “O inconsciente e o corpo falante”. In: *Scilicet- O corpo falante. Sobre o inconsciente no século XXI*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015. p.19-32.
- MILLER, J.-A. “Curso de orientação lacaniana III, 13: O ser e o um”. Inédito. Aula de 23 de março de 2011.

UM TIRANO ABSOLOBO* AN ABSOLOUP TYRANT

Jean-Louis Aucremanne (Bruxelas, Bélgica)

Psicólogo clínico. Membro da École de la Cause Freudienne (ECF). Responsável pelo Dispositivo para Internações Breves do Centro Enaden (toxicomanias e adições). Professor da Faculdade de Psicologia da Universidade Livre de Bruxelas.

Resumo: Um caso de toxicomania tratado numa instituição demonstra como a escolha da droga está condicionada pelas coordenadas significantes.

Palavras-chave: toxicomania, estrutura, significante.

Abstract: A case of drug addiction treated in institution demonstrates how the choice of the drug is conditioned by the significant coordinates.

Keywords: drug addiction, structure, significant.

Em 1989, J.-A. Miller anuncia um programa de pesquisa: “No seu ponto de origem, a escolha da droga não teria sido sempre condicionada pelo significante? (...) Em todos os casos, a possibilidade da psicanálise passa pelo esforço em desfazer a identificação bruta ao ‘eu sou toxicômano’”. Esse programa continua sendo válido. Ele consiste em delimitar as coordenadas da droga nas da estrutura: em sua raiz, o choque do significante sobre o corpo e todas as suas consequências, de perda, de impossível, mas também as manifestações concretas da angústia, índice da presença real de um objeto enigmático. O afrouxamento das identificações que enodaram a relação – fixação – à droga é verificado através dos efeitos de um *bem dizer*, que implica em se reencontrar na estrutura.

Há alguns meses, MD deixou nossa instituição, um centro de acolhimento para toxicômanos, agradecendo-nos calorosamente: “você me salvaram a vida!” O que foi que operou no seu caso?

As estadias em nosso centro, assim como em diversos hospitais, começaram e vêm se repetindo faz seis anos. A sua demanda era parar com a heroína, a cocaína e a metadona, pois gostaria de realizar uma formação de motorista de “carga pesada”. Esse projeto (caminhoneiro) se manteve no decorrer de sua estadia e a desintoxicação da metadona se tornou a última etapa a transpor. Está aí o seu “progresso”: um tipo longo de desintoxicação decrescente? Em parte, isso é verdadeiro, mas houve também outras transposições marcadas por ter colocado em palavras o seu sofrimento subjetivo.

“TOXICOMANIA”

A formação de uma toxicomania sempre tem uma história, acontecimentos de sobressaltos, de reencontros e de trauma. Entre seus onze e doze anos, MD teve que lidar com um corpo descuidado, depois acidentado. Devido a um grave problema de sobrepeso aos onze anos, foi necessário realizar uma operação de quadril: nove meses de hospitalização e reeducação. Depois de um tempo, foi atropelado por um carro. Foi necessária uma hospitalização mais longa, mas dessa vez encontrou a morfina. Não foi somente a dor física que ele tratou, mas

também a “grande solidão” do seu quarto: ele mesmo tinha que aplicar a sua morfina, bastava apertar um botão.

Aos dezesseis anos começou a consumir *cannabis*, heroína, e a matar aulas. Seus pais trabalhavam muito não conseguiram controlar a situação.

Aos dezessete conhece sua namorada, que será sua companheira durante dezoito anos. Ela é calma, o reconduz ao caminho da escola e ele passa a consumir drogas somente aos finais de semana.

Aos dezessete anos e meio assiste à morte de um de seus amigos num acidente de carro. De novo a droga vem para “esquecer o horror”.

Aos vinte anos é detido pela polícia por causa do consumo. Isso provoca uma pausa. A partir desse momento, ele se acalma por determinado tempo, encontra um emprego, muda de casa com sua namorada; assume as despesas do casal, enquanto ela está estudando. Ele reduz o seu consumo para “uma vez por mês”.

Doze anos mais tarde, com trinta e dois anos, ele é demitido de seu emprego por causa de uma “reestruturação”. O casal volta a morar próximo de seus pais. Dessa vez, é sua namorada que assume a renda do casal. Seu consumo se torna regular, o dinheiro do casal se perde aí e os pais passam a ter que ajudá-los financeiramente. Ele é diagnosticado pela medicina como “deprimido”. E se rende à culpabilidade.

Dois anos mais tarde sua companheira o deixa “sem dizer nada”, quando é hospitalizado para uma desintoxicação. Esse “sem explicação” é uma tortura para ele. Ele se enclausura no seu quarto, dorme, consome e assiste TV. Pelo menos ele evita seus “companheiros de uso” para não “consumir demais”. Ele tem como único companheiro e apoiador o seu cachorro...

Ele consome heroína “para não pensar na separação”, mas não encontra “mais nenhum prazer”. É nesse momento que ele irá nos contatar.

FAMÍLIA

As coordenadas do sujeito não podem ser delimitadas sem se colocar a seguinte questão: “com que Outro ele teve que se haver?” Questão complexa, é claro, pois comporta a posição que o sujeito pôde encontrar, tanto como escolha, como em relação ao gozo do corpo. Neste caso, o pai se encontra muito mais como portador de ideais do que de desejo: homem de exigências, é um treinador de esporte, um educador. A mãe, “excelente cozinheira”, está do lado do fomento, rica em gordura! Os dois trabalham muito, e como destacamos anteriormente, eles não tiveram muito tempo para acompanhar os estudos de seus filhos. MD tem um irmão primogênito, diagnosticado desde os dezesseis anos com “transtorno bipolar”. MD não pode dizer grande coisa sobre a “doença” de seu irmão, senão que ele tem crises quando para com sua medicação: ele ameaça de morte os seus pais. Sua amiga, seu emprego, foram suplências importantes mas, quando os dois se foram, MD se encontrou sem recursos, deixou rolar.

O TRABALHO NA INSTITUIÇÃO

O trabalho na instituição não é uma “psicanálise”, mas pode se orientar pela psicanálise. Mais além de uma focalização sobre o sintoma médico, ele se orienta por uma “construção do caso”, que implica as coordenadas

do sujeito, sua relação ao Outro, ou aos outros, sua relação ao corpo, aos seus objetos de gozo, que permitem situar seus tratamentos, suas tentativas de separação. Quando nós dizemos que a droga tem uma função, serve também para destacar ao mesmo tempo seu “excesso” deletério e a tentativa de separação que ela encerra. MD toma a droga para suportar o deixa rolar. Nesse sentido, a droga é vital, ela é uma “defesa”, mas também perigosa e deletéria. A instituição que vai se ocupar da toxicomania tem uma função crucial: ser um substituto da droga, ao mesmo tempo em que coloca esse recurso à distância.

TRATAMENTO DE MD

Trata-se, é claro, de ajudar MD a se separar, pelo menos um pouco, desse consumo deletério, desesperado. Haverá um apoio médico e de seus meios repetitivos, quantas vezes precisar, mas também se trata de um apoio do sujeito. Eu gostaria de ilustrar isso através de um reencontro que se deu na sua última estadia. Ele testemunhou que foi crucial, mesmo ao retomar a sequência de toda uma série de tomadas de posição, ao seu olhar.

MD está no prazo para preparar sua habilitação de “motorista de carga pesada”. Ora, sua estadia iria terminar, de um ponto de vista administrativo, quinze dias antes do vencimento desse prazo, mas ele vem me pedir uma prolongação. Segundo as regras “administrativas”, não se trata de uma justificativa “médica”. Porém, sua preocupação é não conseguir estudar tranquilamente se retornar à casa de seu pai, que ele diz, encurtando o papo “exercer um controle absoluto”. Eu utilizo então o equívoco da língua: “é um lobo?”**. “Oh, ele responde, é pior do que um lobo!” E como ilustração, chega um toque de telefone do pai para lhe lembrar, num tom de repreensão, tudo aquilo que ele fez. A conversa segue sobre um cantor de quem ele gosta muito, devido a suas letras engajadas, suas letras de revolta. Eu tomo a iniciativa de imprimir as letras das canções desse compositor, sublinhando bem a força e a pertinência de sua fala de revolta. E eu sustento seu pedido de prolongação!

MD, ao deixar a instituição, me diz, com lágrima nos olhos, “você e sua equipe salvaram minha vida!” E me oferece cópias do CD desse cantor, que acompanhou seus momentos de solidão.

Desde então, ele se sustenta nas entrevistas regulares com nossa equipe de consulta: é importante para ele, doravante, sustentar-se pela fala, ao menos para falar de seus novos arranjos (passeios, reforma de seu apartamento, nova namorada), não sem alcoolização ocasional, mas limitada até aqui. Não há milagre! Mas há um acompanhamento eficaz, que leva em conta o que MD chama de “minha sensibilidade às palavras”.

Tradução do francês: Luis Francisco Camargo

Revisão: Maria Wilma S. de Faria

* N.T. O autor joga com a proximidade fonética entre *absolu* (*absoluto*) e *absoloup* (*loup* = *lobo*) em francês que, como tal, não é traduzido em português.

**N.T. Equívoco a partir da homofonia entre o final da palavra francesa *absolu* (*absoluto*) e *loup* (*lobo*).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MILLER, J.-A. “Clôture”, “Le toxicomanes et ses thérapeutes”. Navarin éditeur, 1989. p. 138. Publicado neste número de Pharmakon Digital sob o título “Para uma investigação sobre o gozo autoerótico”.

O JOGO DE AZAR: UMA ADIÇÃO SINGULAR

GAMBLING: A SINGULAR ADDICTION

Rodolphe Adam (Bordeaux, França)

Membro da École de la Cause Freudienne (ECF) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP)

Resumo: O trabalho apresenta a singularidade do jogo de azar sob a perspectiva de sua causalidade subjetiva. Apresenta um caso com o fim de ilustrar algumas teses fundamentais sobre o jogo de azar. E finalmente, estabelece uma distinção estrutural entre adição ao jogo e adição às substâncias químicas.

Palavras - chave: psicanálise, jogo de azar, adição.

Abstract: This paper deals with the singular addiction which represents gambling from the point of view of its subjective causality. The author presents a clinical case to illustrate some basic thesis about gambling. Finally, a structural distinction between gambling and addiction to chemical substances is made.

Keywords: psychoanalysis, gambling, addiction

A adição aos jogos de azar é um fenômeno clínico singular. Uma questão simples e radical será nossa bússola: se o jogador não joga fundamentalmente para ganhar dinheiro – todo ganho sendo irremediavelmente reapostado –, a que exatamente ele é adicto? Responder a esse problema nos permitirá contribuir a uma clínica diferencial das adições que a noção de adictologia imposta pela Saúde Mental tem tendência a apagar. De fato, unir sob o mesmo termo o jogador de corrida de cavalo, o adolescente preso aos videogames ou ainda o dependente de heroína é um reducionismo comportamental permanente que o rigor esperado dos clínicos não saberia tolerar. Nosso objetivo é então de contribuir a uma elucidação afinada das especificidades do jogador pelo intermédio de uma clínica baseada sobre sua própria fala. O conceito de *posição subjetiva* permite assim demonstrar que o jogador visa outra coisa que a potência-total eufórica do alcoolista ou a pequena morte do dependente em heroína. Fazer clínica da forma em que o sujeito, ele mesmo, tenta passar ao dizer o que o atravessa, autoriza um saber mais rico que a etiologia frequentemente avançada no âmbito do jogo patológico, ou seja, uma disfunção do sistema de gestão das gratificações.

O jogo de azar, prática velha como o mundo(1), é de fato rico em mostrar que uma adição pode ser sustentada não por um efeito introduzido por uma substância, mas por um gozo próprio ao sujeito falante, onde é engajada sua relação ao dinheiro como objeto libidinal e no azar onde se cristaliza sua relação com o sentido. À abordagem neurobiológica, no entanto, não faltam argumentos. Pesquisas (Breiter, 2001) puderam atualizar as respostas neurológicas acompanhando a antecipação e a experiência de ganhos e de perdas monetárias projetadas em imagens por ressonância magnética. Ora, as áreas ativadas são as mesmas que as implicadas no consumo de cocaína. O estudo clama então por uma localização cerebral em causa nos comportamentos aditivos. No entanto, esta articulação não tem nada evidente, visto a problemática que ela levanta: porque, lá onde a cocainômano só pode gozar da administração *certa* de cocaína, o jogador passa pela *incerteza* de seu gozo para maximizá-lo.

UMA CLÍNICA INANALISÁVEL?

A problemática intrínseca à posição subjetiva do jogador não pode fazer economia da seguinte constatação: em dez anos, de uns cinquenta sujeitos que vieram me consultar no centro de adictologia por um problema de dependência aos jogos de azar, somente um voltou a falar por mais de três entrevistas. Este não engajamento na experiência da fala e da transferência contrasta com as demandas frequentes do sujeito alcoolista e toxicômano. Esta recusa da alienação na fala autoriza uma tese: a adição ao jogo apresenta uma dimensão inanalissável para o próprio jogador. A raridade na literatura especializada de monografias aptas a nos ensinar sobre esta clínica, encontra aí uma de suas razões(2). Três outras razões esclarecem esta ausência de desejo de decifrar.

Primeiramente, o jogador patológico não põe em risco seu corpo como acontece fatalmente nas adições com substâncias. Os acometimentos somáticos não acontecem para apresentar, como frequentemente, a função do despertar do sujeito quanto ao silêncio de sua pulsão de morte. A urgência que o captura não passa pelo corpo, mas pela lei, do fato do endividamento, e pela parceira cuja queixa e ultimato, depois da descoberta desta prática clandestina(3) no seio conjugal, vão fazer contrapeso na balança das perdas possíveis para o jogador.

Em segundo lugar quase todos estes jogadores puderam, desde suas primeiras apostas, testemunhar de um encontro com a boa fortuna de um ganho. O valor desse acontecimento inaugural, frequentemente apresentado como uma *eutuché***, azar feliz e desconcertante, fez consistir a irrupção de um gozo primeiro que indefinidamente o sujeito tenta reiterar. Esta lógica da repetição de um gozo perdido e iniciado por uma contingência de sorte não é sem ativar as crenças em um estatuto de exceção do sujeito. A este respeito, Roger Caillois fazia do jogador “o homem da providência” (Caillois, 1967). O azar*** tem, de fato, o privilégio paradoxal para o sujeito do inconsciente de ler nele sua condição de eleito do Outro.

Em terceiro lugar o jogador se sustenta sempre da possibilidade de anular todas suas perdas precedentes por uma próxima aposta. Esse caso é único de uma adição que poderia paradoxalmente se resolver prosseguindo-se. “Eu me refaço e paro” é a fórmula inalterável. Questionando a essência do jogo, Lacan evocou uma garotinha brincando de se aproximar de seu pai para abraçá-lo, simbolizando com três palavras sua aceleração progressiva em direção a ele: “Vai chegar, vai chegar, vai chegar!” (Lacan, 1965). A anedota, que convoca o pai e seu gozo, ilumina o conhecimento do jogador com a modalidade do possível convertida fatalmente na do necessário. Esta conversão suposta se opera em todo jogador em uma temporalidade específica do “para breve”. Esta repetição prova que o desejo não se apaga com o ganho. Outra coisa nutre essa disjunção que Lacan relevava, desde o início de seu ensino, ligado a um puro efeito simbólico: “É com o simbolismo, e deste dado que rola que surge o desejo. Não estou dizendo desejo *humano*, pois, no final das contas, o homem que joga com o dado é cativo do desejo assim posto em jogo. Ele não sabe a origem de seu desejo a rolar com o símbolo escrito nas seis faces.”(Lacan, 1955). E ele não quer, sobretudo, saber.

A SUSPENSÃO DA VIDA E O CAJADO DO DESTINO

Um caso inédito, por ter tido encontros semanais em um ano, nos entregou certos ensinamentos expondo

as coordenadas de seu sintoma por tempo suficiente para experimentar certo alívio quanto à ferocidade de sua paixão. Africano de origem, cerca de 30 anos, casado e pai de dois filhos, titular de um emprego estável no qual ele gere dinheiro com rigor, Sr. B vem, obrigado por sua esposa, pedir ajuda porque ele joga na Loto Esportiva há muito tempo. Endividado, ele espera ansiosamente de seu banco um plano de reembolso. Ele não quer que sua mulher o ajude, nem vender seu pequeno apartamento comprado para os estudos futuros dos filhos. Desprendendo-se um pouco do sintoma que o traz, ele confia que “dá sem cessar aos que sofrem”, sentindo-se obrigado a ajudar as pessoas de sua comunidade e sua família que permaneceu na África. “É mais forte que eu, ajudar as pessoas, minha família, dar aos meus filhos tudo o que eles querem, tudo o que eu não tive. Mas eu não consigo dizer-lhes que não é possível. Eu não posso dar o que não tenho”. Esta última fórmula, feliz de retomar pela negativa aquela que Lacan pôs no princípio do amor, indica já as dificuldades do sujeito no lugar da castração. Obcecado por sua lógica oblativa, ele repete sempre a frase que escande sua vida: “Eu procuro uma solução. O jogo é a única que encontrei para me salvar de todos os meus problemas. É a facilidade”. Quando chega o fim de semana em que ele “deve estar bem com as crianças”, ele joga secretamente uma loteria e encontra imediatamente o afeto de um alívio feliz na espera do sorteio do domingo à noite. Tempo durante o qual ele pensa: “Amanhã à noite, talvez, você terá resolvido tudo, você será salvo”. Ele se diz “drogado de esperança a curto termo”. O que não cessa de se escrever, segundo a equação do necessário de Lacan, e que se encontra interrompido durante o final de semana, tem para ele duas faces que ele vai desenvolver: o pai e a morte.

Ele foi para a França há doze anos para estudar, contra a vontade de seu pai, homem rico, tirânico e sábio, raramente presente em sua infância. Esta escolha não foi simples, pois, diz ele, “há um ditado em nossa cultura que diz que se deve respeito e obediência a seu pai, o que quer que ele faça”. A localização freudiana da culpabilidade própria ao neurótico face ao pai encontra aí uma calção certa. O Sr. B vai para a França com uma companheira, que também não era aceita pelo pai. Ele se mostra estudioso, atleta brilhante, assegurando sua autonomia financeira. Mas, rapidamente, sua companheira adoece de um tumor no cérebro. “Sua morte me mudou. Eu me disse: Para quê? Por que lutar se é para não estar presente para aqueles que se ama?” O jogo se impõe então em um primeiro tempo como uma “solução de facilidade” vindo como paliativo ao desvanecimento de seu “temperamento de lutador”. O alcance de seu posicionamento fálico continua hoje por sua recusa de responsabilidades profissionais. Como satisfazer ao desejo do pai de ter êxito em uma carreira sem se distanciar de sua família, repetindo a falta do pai da qual ele sofreu? Fazer ou não como o pai é a questão deste homem.

Depois do falecimento rápido de sua companheira que reduzira seu desejo, ele encontra sua esposa atual, mulher com uma situação brilhante. Ele se casa, apesar, novamente, da ameaça paterna de ser renegado. O pai chega até a interditar o Sr. B de ir ao seu túmulo no dia de sua morte. “Mas eu, eu não tinha capital e em minha cultura é o homem que deve sustentar sua família. Como meu pai fez. O que ela e as pessoas irão pensar? Que eu me casei com ela por dinheiro? Então, vendo amigos ganharem na Loto Esportiva, eu me disse: por que não eu? Mas é a facilidade”. Apesar do que ele obterá em seguida, uma profissão, um salário, uma casa, crianças, a prática do jogo não para mais.

O Sr. B não joga até perder tudo como Dostoïevski, em que Freud apontava a substituição da culpabilidade pelo peso de uma dívida e a condição de sua criatividade. O Sr. B se sacrifica para tamponar a falta no Outro. Sua oblatividade, que ele vai começar a ligar ao que a ele mesmo faltou, lhe economiza o risco de seu desejo, desejo neutralizado no jogo. Se o jogo “encapuzo o risco” (4), o sujeito pode também ligar a isso sua sorte, “com a ideia de que algo se revela aí que é dele” (5). O Sr. B tem uma convicção: “Eu sempre tive sorte”. Ele ainda teve a confirmação disso há alguns anos: quando sua mulher descobre a amplitude de suas dívidas, ele lhe jura que irá parar de jogar. Ele aposta seus últimos euros e ganha trezentos mil euros que confia prudentemente a sua esposa.

Graças a este início de historização inédita, ele se sente menos massacrado pelo supereu daquele que não abandona os outros e menos angustiado com a ideia de que possa acontecer alguma coisa a seus filhos. Com o humor mais leve, ele interrompe brutalmente nossos encontros depois de alguns meses, sob esse benefício terapêutico. Algum tempo depois, ele quer nos rever porque ele recomeçou a jogar, acumulando novamente os empréstimos. Será preciso intervir nas sessões para defendê-lo das ideias suicidas. O desencadeamento de sua recaída tem para ele uma causa: o falecimento recente de sua sogra. Tocado pelo sofrimento de sua mulher, ele diz “ter se sentido completamente impotente”, sem poder nomear em que, e imaginou que “ganhar no jogo solucionaria os problemas”. Querer ganhar dinheiro no espaço e lugar de um luto mostra bem a singularidade do deslocamento do objeto perdido onde se desenha uma identificação. O Sr. B nos confia de fato ter estado em errância com seu veículo no lugar do acidente de carro de seu irmão mais velho, hesitando a se juntar a ele em sua morte. “Parecia que eu esperava o momento último, grave, para me safar. Eu sempre fiz assim.”

A ideia de ser sortudo lhe veio aos dezesseis anos quando ele, pela primeira vez, decide algo sozinho: fazer os procedimentos para obter a nacionalidade francesa que o pai não obteve quando o Sr. B nasceu na França, durante os estudos do pai que voltou para o país de origem pouco depois. Ele queria um signo endereçado pela sorte de ser o único de seus amigos a ter conseguido este processo. Este signo é confirmado por sua interpretação de uma série de êxitos futuros – bolsas, exames, concursos –, onde o lugar de seus esforços é denegado por ele e atribuído à conta do Outro da sorte, ou, diz ele, visto que ele é crente, de Deus mesmo. A consistência deste Outro se desvela e recupera todos os méritos do sujeito. Mortificando sua posição fálica, Sr. B não deve nada a si mesmo e tudo a “Deus(...), quer dizer, à boa sorte” (6). Esta convicção é chocante e nós nos espantamos diante dele, do fato da marca recorrente e trágica da morte em seu percurso: sua primeira companheira, da qual ele joga ainda na loteria a data de nascimento, uma tia, seu irmão mais velho morto num acidente de carro dois anos depois. Ora, apesar de sua tristeza, esta série lhe confirma uma coisa: “Quanta sorte eu tenho! Eu não tenho nada, estou com ótima saúde, eu não tenho o direito de me queixar”. Dia e noite, ele agradece a Deus por tudo o que lhe deu e por cada dia que passa. Esse Deus do dom lhe permite não diminuir seu pai.

Esta presença repetida da morte em sua existência mostra a outra saída do jogador em sua relação à vida. Uma tese de Lacan o indica: “Que és tu, imagem do dado que lanço em ter encontro *tyché* com minha sorte? Nada, a não ser a presença da morte que faz da vida humana essa *sursis* obtida de manhã em manhã em nome de significações cujo signo é o cajado” (7). O jogo faz então signo de um adiamento da morte, fazendo da vida

um adiamento/sursis**** cotidiano, e do cara ou coroa um direito de viver. A significação desse sursis/adiamento vem de uma lembrança inédita surgida ao longo do trabalho. Aos dezoito anos, seu pai recusa que ele obtenha a carteira de habilitação, apesar de tê-la acordado a seu irmão mais velho, morto mais tarde em um acidente de carro. “Meu pai me disse que videntes haviam previsto que eu morreria em um acidente de carro. Eu tirei minha carteira ainda assim, às escondidas. Eu não tinha medo. Quando meu irmão se matou no carro, eu me perguntei por que. Ele teria tomado meu lugar?” Ele se espanta hoje dos riscos corridos, alcoolizado ao volante em sua juventude. “Eu poderia ter matado alguém”. O Sr B não vai até o ponto de localizar o desejo de morte do pai, mas, por ter ousado colocar em questão o ideal desse pai imaginário, poderá mais facilmente se separar dele. Ainda assim, diminuirá um pouco sua inibição de decidir quando ele se dará conta do quanto esse significante está ligado a esse pai que “sempre decidiu por mim”. Ele encontra então uma saída para seu endividamento, vendendo seu apartamento, e concorre a um cargo mais qualificado. Essa jogada da castração, apagando as dívidas, será acompanhada de certo afrouxamento do dever oblato, bem como da culpabilidade, e o distanciará dessa vida de adiamento, suspensa ao azar do jogo que fazia furo no desejo de morte do pai e seu aspecto profético. O Sr. B interrompe aí sua elaboração na análise sem apontar que esse desejo de morte é também o seu. Mas ele aposta, a partir de então, menos sobre a “facilidade” da sorte do que sobre um desejo novo.

Conclusão

Esse caso é rico de vários ensinamentos. Ele demonstra inicialmente que a adição ao jogo é um fenômeno clínico que toma sua fonte em uma causalidade subjetiva. A contingência tem seu lugar nesse assujeitamento que empurra um sujeito a gozar do azar. Lacan apontou a raiz dialética disso: “Se é alguma coisa que suporta toda atividade de jogo, é algo que se produz do encontro do sujeito dividido, enquanto ele é sujeito, com esse algo pelo qual o jogador se faz ele mesmo o dejetivo de alguma coisa que se jogou outro lugar, lugar outro a todo risco, o lugar outro do qual ele caiu do desejo de seus pais, e ali precisamente, o ponto do qual ele se desvia indo procurar, para opô-lo,”(8) Só o risco de outra aposta, a da palavra, permitiria realizar que o dinheiro, como objeto *a*, objeto perdido, representa o sujeito ele mesmo. O interesse maior do caso se atém ao que ele revela a existência de um Outro do jogador, testemunhando assim de uma singularidade própria à questão da adição aos jogos de azar. De fato, tanto as adições com substâncias desvelam um gozo que curto-circuita a alienação ao Outro simbólico, incarnando o casamento perfeito do bebedor com a garrafa, segundo Freud, quanto a adição aos jogos de azar convoca uma figura do Outro cuja sorte é o nome do empréstimo. O alcoolista e o toxicômano são adictos a um gozo do Um, solitário e fora da linguagem e, nisso, pode-se dizê-los ateus. Ao avesso, o jogador é um crente, um religioso para quem o aleatório faz falar o destino.

Notas

(1) Ian Hacking nos mostra em *L'émergence de la probabilité* que jogar com a imprevisibilidade do lançamento do *talus* ou do *astragale**, já se encontrava no Antigo Egito, assim como para os sumérios.

NR**Talus* ou *astragale* são pequenos ossos que serviam de peças para jogos de azar na antiguidade, antecedendo o jogo com dados.

(2) é então, por acaso, que o próprio Freud usou em seu artigo central sobre Dostoiévski e o jogo, um caso tirado da literatura.

NR**bom encontro, encontro feliz, boa fortuna.

NR****Le hasard* também pode ter o sentido de *o acaso*.

(3)A proporção entre os sexos dos jogadores é predominantemente masculina.

(4)LACAN, J. 1965. *O Seminário, livro XII, Problemas cruciais para a psicanálise*, lição do 19 de Maio de 1965, inédito

(5) LACAN, J., *O Seminário, Livro II, O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1955, p. 374.

(6) LACAN, J., 1971, *Eu falo para as paredes*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2011, p. 16.

(7) LACAN, J., 1966. "O Seminário sobre 'a carta roubada'", *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 44.

NR**** sursum no sentido jurídico refere-se a suspensão ou adiamento condicional da execução de uma pena no todo ou em parte.

(8) LACAN, J. 1965. *O Seminário, livro XII, Problemas cruciais para a psicanálise*, lição do 19 de Maio de 1965, inédito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BREITER, H.; AHARON, I. ; KAHNEMAN, D. ; Dale, A. ; SHIZGAL, P. 2001. "Functional Imaging of Neural Responses to Expectancy and Experience of Monetary Gains and Losses", *Neuron*, Vol. 30, Issue 2, 619-639.

CAILLOIS, R. 1967. *Les jeux et les hommes*, Paris, Gallimard.

FREUD, S., 1928, "Dostoiévski e o parricídio", *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

HACKING, Ian., *L'émergence de la probabilité*, Paris, Seuil, 2002.

LACAN J., 1955. *O Seminário, Livro II, O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1985.

LACAN, J., *O Seminário, Livro XII, Problemas cruciais para a psicanálise*, inédito, 1965.

LACAN, J., 1971, *Estou falando com as paredes*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2011.

PAGES, G. 2007. "Hasard et duplicité", *Psychotropes*, 3-4, Vol. 13, 77-96.

Tradução do francês: Leonardo Scofield

Revisão: Cláudia Generoso e Daniela Carneiro

A FUNÇÃO DO TÓXICO NA ERA DO HIPERCONSUMO

THE FUNCTION OF THE TOXIC IN THE ERA OF HIPERCONSUMPTION

Eugenio Díaz. (Barcelona, Espanha)

Analista Membro da Escola (AME) da Escuela Lacaniana de Psicoanálisis (ELP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

Membro do Conselho de Administração da ELP

Resumo: O trabalho retoma os direcionamentos fundamentais da orientação lacaniana no que diz respeito às toxicomanias, especialmente a noção de função do tóxico como bússola clínica.

Palavras chaves: psicanálise, toxicomania, tóxico.

Abstract: In this paper the author reviews the basic lines within the lacanian orientation towards drug addictions, especially the concept of the function of the toxic as a clinical compass.

Keywords: psychoanalysis, drug addiction, toxic.

A função do tóxico segue hoje sendo uma orientação maior das práticas que se orientam pela psicanálise na direção da cura com sujeitos que se apresentam como toxicômanos. Aprendemos nos anos 1990, no início do TyA, que saber da função do tóxico permitia dirigir a cura até uma desestandardização, o que permitia, por sua vez, ir de um sintoma que não quer dizer nada para o sujeito – a adição ao tóxico como causa –, a um sintoma em que o sujeito está implicado. A função do tóxico como resposta ou como solução (DÍAZ, 2012), orientou nossa prática.

As consequências da definição da droga, “o que permite romper o matrimônio com o pequeno pipi” (LACAN, 1975), ou a função de suplência nos casos de psicose, foram guia no tratamento de sujeitos que se situavam sob identificações toxicômanas.

Mais adiante, os desenvolvimentos sobre a inexistência do Outro (MILLER & LAURENT, 1996), na perspectiva do último ensino de Lacan sobre o *parlêtre*, o corpo e o gozo, permitem repensar o sentido da função do tóxico. Hoje estamos em condições de afirmar que a função do tóxico sempre é de suplência – da queda do pai como exceção, da não relação sexual –, e que a droga como gozo autoerótico, que não passa pelo Outro, dá uma torção com o gozo que é do Um e que não é sem o corpo, abrindo a via do uso do tóxico vinculado à satisfação fixada nas marcas primordiais da constituição do sujeito.

DA “CONVERSA FIADA COMUNITÁRIA” ÀS COMUNIDADES DE GOZO

Ausente a via principal que promovia uma ficção de consistência, o que fica são modos de gozo, em uma época onde o *hiper* promete a felicidade em mais uma dose do que seja.

Se antes eram os comitês de ética, a “conversa fiada comunitária” (MILLER, 1996, p. 89), o que vinha no lugar do Outro que não existe, hoje se trata mais de comunidades agrupadas ao redor de modalidades de gozo que vêm no lugar do não-todo, traço da hipermodernidade que equivale à ideia da feminização do mundo que essa inexistência implicou.

Ernesto Sinatra as chama *Micrototalidades* em *L@s nuev@s addict@s*, jogando de maneira magistral já de entrada no título com o feminino e as novas tecnologias. Junto a esse não-todo, encontramos um “todos adictos ao consumo de massa”, onde qualquer objeto pode ser considerado aditivo: do sexo ao trabalho, a comida, as compras, o jogo ou as novas tecnologias, até o amor, que sob a classificação de “relações sociais alienantes”, cai nos manuais de educação para saúde no campo das adições sem drogas. Inclusive as pessoas e as relações são nomeadas hoje como tóxicas. Fórmula que tende a desconhecer a compulsão à repetição freudiana, pois supõe uma vontade em jogo que não inclui o equívoco, os tropeços.

Porém, o mais impactante é que não somente podem converter-se em objetos aditivos, senão que, cada vez com menos pudor, se busca que o sejam. O marketing é explícito nisso como o mostra – em um exemplo – um anúncio de creme para homens que usou como propaganda a seguinte frase: “um pico de anti-idade para que os excessos não fiquem marcados na pele”.

Advirtamos aqui para o uso de um significante das toxicomanias, *pico*, colocando em destaque o ideal da eterna juventude e do empuxo ao excesso. Verdadeiro exercício de controle sobre os corpos que promove a aliança com o capitalismo, na promessa de que o contingente possa ser eliminado, que os signos da vida possam ser apagados.

NEUROCIÊNCIAS DO CONSUMO

As toxicomanias, nomeadas nos informes “científicos” como “neurociências do consumo e dependência de substâncias psicoativas”, produzem um deslocamento que revela ainda mais as políticas atuais de redução da subjetividade (DÍAZ, 2005). Se o termo *toxicomanias* permitia situar certa posição do sujeito em relação ao tóxico – as manias por uma substância – ao colocar o acento em *neuro*, fazendo-o equivaler ao sujeito mesmo, tem-se efeitos ainda maiores de estigmatização, desresponsabilização e, portanto, de redução máxima do sujeito.

Como assinala Javier Peteiro, expert em Biofísica e Nanomedicina: [...] Na perspectiva reducionista (do sujeito à genética), há um sério risco de eludir o autêntico problema da liberdade, da responsabilidade humana e o papel que em sua configuração tem uma educação marcada pelo ideal condutista”. (PETEIRO, 2011, p. 85-6).

Então, o termo neurociências do consumo não é nem um pouco inocente na intenção da tecnociência e de seu aliado, o mercado – “aos que a psicologia não somente abastece, senão que se mostra deferente a seus estudos” (LACAN, 1964, p 811) – de liquidar tudo o que não é controlável: a pulsão, o desejo e, no último extremo, o sujeito mesmo. A clínica está cheia de testemunhos sobre o empuxo à repetição que produz essa oferta sem limites.

A um jovem consumidor de drogas sintéticas, a psiquiatria propõe a realização de provas cerebrais para

determinar a causa biológica da compulsão ao consumo e a tensão agressiva que sofre. “Se é meu cérebro, não sou eu, portanto, posso não me esforçar em saber o que me acontece”, foi a resposta que deu a essa oferta, antes do abandono de um tratamento pela palavra que havia iniciado não fazia muito tempo. Decisão que supôs o reinício de sua atividade aditiva e agressiva, da qual sem dúvida o sujeito é responsável, porém na qual colaborou o saber “benfeitor” e cego da ciência e um ideal *familiarista* nada inocente.

Assim, as terapêuticas ao uso acabam convertendo-se em ferramentas a serviço de propostas adaptativas, duplicando identificações toxicômanas, onde o uso das drogas em uma intenção de sutura da angústia, sem mediação da palavra, é um modo de gozo que não é senão pulsão de morte.

IDENTIFICAÇÕES TOXICÔMANAS E POLÍTICA DA PSICANÁLISE

Se a psicanálise é possível em sua prática com tais sujeitos e com o empuxo generalizado ao mais de gozar, é pela via da crença no sintoma, enquanto este inclui – mais além do sentido – o gozo e o corpo.

A política da psicanálise se orienta em oferecer ao sujeito a possibilidade de encontrar as portas de saída da subordinação do gozo ao êxito do hiperconsumo.

O subversivo que a psicanálise acrescenta como inverso a esse *liegen lassen* da época é o sintoma, entendido como o mais singular do sujeito, “como a rebelião do *não como todo o mundo*” (MILLER, 2011, p 36). Aqui a função do tóxico não terá dito sua última palavra.

Tradução do espanhol: Cassandra Dias Farias

Revisão: Pablo Sauce

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DÍAZ, E. “Consumidores de nostalgias y el vértigo de la mirada hipermoderna” in *Mundo Psicoanalítico. Sin límites. Conductas de riesgo*. Pomarive, Caracas, 2012, págs. 21-3.
- DÍAZ, E. “Neurociencias del consumo y dependencia de sustancias psicoactivas” in *Freudiana* 43/44, Paidós, Barcelona, 2005, págs. 57-63.
- LACAN, J. “Encerramento das Jornadas de Estudo de Cartéis da Escola Freudiana”, 1975. Publicado nesse número de *Pharmakon Digital*.
- LACAN, J. “Posicion del inconsciente”, in *Escritos II*, Madrid, 1989, pág. 811.
- MILLER, J.A. “Sutilezas analíticas”, Paidós, Bs. As, 2011, pág. 36.
- MILLER, J.A.; LAURENT, E. “El Otro que no existe y sus comités de ética”, Paidós, Bs. As, 2001.
- PETEIRO, J. “El autoritarismo científico”, Miguel Gómez Editores, Málaga, 2011.
- SINATRA, E. L@s nuev@s adict@s. *Implosión del género en la feminización del mundo*, Tres Haches. Bs. As., 2013.
- Informe de la OMS de 2004, <http://docplayer.es/893567-Neurociencia-del-consumo-y-dependencia-de-sustancias-psicoactivas.htm>

COM A MANDÍBULA DORMENTE WITH A NUMB JAW...

Ana Viganó (Cidade do México, México)

Psicanalista. Membro da Nueva Escuela Lacaniana (NEL). Membro da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Mestre em Psicanálise e Saúde Mental. Professora Titular de mestrado em Estudos Psicanalíticos da Universidade do Claustro de Sor Juana. Responsável da NEL pelo Observatório da FAPOL: “Vamos em direção a uma cultura Toxicômana?”

Resumo: O trabalho revisa alguns fenômenos relativos ao consumo na sociedade mexicana sob o ponto de vista do gozo implicado na satisfação do corpo. Destaca-se a análise de uma corrente musical baseada na cultura toxicômana.

Palavras chave: psicanálise, gozo, México, música.

Abstract: The paper presents some phenomena pertaining to the consumption of substances in the Mexican society from the point of view of the jouissance implied in the body satisfaction. It highlights the analysis of a musical trend based in the drug addiction culture.

Keywords: psychoanalysis, jouissance, Mexico, music.

“A mandíbula dormente, assim eu gosto de trazê-la.
Os dedos em garras, rígidos como as pedras.
Com os olhos bem virados e a mirada desviada
Quero colocar-me bem guano, bem louco, bem taquicárdico.
Quero amanhecer enlouquecido”*

DISTINTOS TRATAMENTOS PARA UM GOZO QUE INSISTE

Nossa época e suas variadas expressões de cultura evidenciam um deslizamento nos modos de tratar o mal-estar que traz tanto a vida em si mesma - a vida simplesmente - como o modo que temos de vivê-la - modo civilizado, ou seja, com os outros. Como poderia ficar excluída a prática da psicanálise desse deslizamento? Só se pensarmos uma psicanálise de museu, letra morta sem orientação pelo real do sofrimento. Apostamos que este não seja o nosso caso. Por isso insistimos em um esforço mais, a cada vez, um por um. Bordeando, atravessando, arrancando, rompendo, fazendo falar ou fazendo litoral nos distintos silêncios que habitam as relações de cada um com seu gozo.

Freud advertia no *Mal-estar na civilização* que não há civilização sem mal-estar, porque o sofrimento nos espreita, tanto a partir de nosso próprio corpo, como do mundo exterior e das inevitáveis relações com os outros. Lacan colocou com precisão, seguindo a letra freudiana, que esta aflição é inerente à nossa qualidade de seres falantes. De maneira tal que conhecemos os sabores e os dissabores da vida porque nossa existência é falada-falante.

Cada cultura e cada sujeito têm seus modos de aliviar o mal-estar, e nessa lista de paliativos, os narcóticos têm seu lugar na escrita freudiana como remédios possíveis. Porém é na perspectiva de “*Pharmakon*”, que dá

nome a essa revista, remédio e veneno ao mesmo tempo, em uma sutil topologia, pois Freud mesmo advertiu que esta estratégia traz atrelado um perigo. O que pode curar ou envenenar é às vezes uma questão de dose. A questão da dose faz surgir uma barreira difícil de estabelecer.

Uma jovem analisante que despertava de suas intoxicações de final de semana sem saber como havia chegado onde estava, sem poder recordar o que tinha vivido, sem reconhecer o companheiro na cama, e sem saber se havia tido relações sexuais com ele ou não, se perguntava quando seria hora de chamar a si mesma de toxicômana, ou alcoólatra, ou ambas, pela mistura que fazia. Ela expunha as coisas em termos de quantidade e de tempo, variáveis a considerar quando se trata de doses. Sabemos sem dúvida que nem as substâncias, nem as quantidades são as que fazem alguém toxicômano. Há culturas que consomem determinados tipos de drogas em quantidade e frequência que alarmariam em outros contextos, sem que possamos localizar ali toxicomanias declaradas. A jovem começava a dar-se conta disso: é o gozo liberado a seu próprio circuito que tende a um vetor mortífero, que às vezes se vale dos tóxicos para prosseguir seu caminho.

A dupla face de “*pharmakon*” terá, então, que ser precisada, nesse e em todos os casos, pelo que é chamado a função do tóxico. Isso implica mais que uma identificação sob o manto de uma nominação obtida por certos *itens* a medir, implica uma singularíssima operação analítica que toque o núcleo real dessa função. Em todo caso, por exemplo, advertimos que nessa jovem, os tóxicos lhe permitiam abrir o caminho de uma “experiência sexual” da qual se queixava, porém, através da qual evitava, entre os múltiplos encontros intercambiáveis, apagáveis, arriscados e, na medida do possível, sem palavras, a possibilidade de um encontro, ao menos um, que a tocasse. Para ela, só o tóxico “toca de verdade o corpo e a alma” porque tudo o mais lhe é “impossível de crer”. Isso requeria dos tóxicos estarem à altura tanto de sua amnésia, como de sua desinibição e a possibilidade de “desprender-se de seu corpo” que por sua vez, se consumia emagrecendo com rapidez, e com o qual, quando sóbria, não sabia muito bem o que fazer. Os achados desta “solução tóxica” foram totalmente por acaso, da ordem de um tropeço, que uma vez tropeçado, não podia deixar de tropeçar tomando tudo em seu caminho, como “um tornado” que, cada vez mais podia arrastar consigo mais e ... mais.

O OBJETO DROGA, O CORPO E SUA SATISFAÇÃO

A relação do ser humano com as drogas é ancestral e tem tido diferentes desenvolvimentos e destinos muito bem estudados por vários autores. No México, por exemplo, o uso de certas drogas alucinógenas em rituais ancestrais, convive tanto com o uso de substâncias variadas, como com a, ainda defendida por alguns, “guerra contra as drogas” e com o narcotráfico permeando os mercados, o consumo, a violência, a cultura. Cada um desses campos mereceria um estudo à parte. Porém me detenho no último para assinalar como, sob uma forma específica, a chamada narcocultura permite uma aproximação à face mais obscura do objeto droga e de sua satisfação alojada no corpo.

O chamado *narcocorrido* é um subgênero musical que tem suas raízes nos *corridos* da Revolução mexicana e seus elogios aos revolucionários corajosos, fugitivos e pistoleiros de botas e a cavalo. Com sons típicos do norte, o *narcocorrido* canta uma filosofia de vida sempre à beira da morte própria ou de outros, a serviço ou

em troca do gozo que essas vidas, ainda que efêmeras, possam ter. É uma expressão muito clara da relação que a pulsão de morte tem com a vida mesma: só há pulsão de morte enquanto há vida; a vida é inseparável das marcas dessa pulsão. Porém mais ainda, é paradigmática do gozo posto no centro da cena da vida e seu horizonte mortífero.

Questionado por múltiplas vozes, denunciado como apologia ao delito, estudado com interesse por distintas disciplinas, com maior ou menor publicidade, o subgênero tem cada vez mais popularidade e são os músicos mesmos que defendem a proposta: *“Gosto da boa vida e o que isso tem de mal? Escutar corridos, compa, eu lhes asseguro, não me faz um mal mexicano”*. Porém, a promoção excessiva de alguns sinais de dúbia distinção nessa estética musical combinada com tóxicos, foi considerado um empuxe ao gozo. Por exemplo, em Sinaloa foram proibidos os *narcocorridos* em lugares públicos em que se vende álcool - não se fala de narcóticos já que são de venda ilegal -, pois os consideram algo que “esquenta o sangue”. Os “esquentasangue” combinados com os tóxicos podem ter consequências violentas e muitas vezes fatais sem nenhuma razão aparente. Quer dizer, trata-se de estímulos desligados de histórias subjetivas nas quais se encontra uma trama de possíveis determinações. Vemos a forma acéfala de um gozo desregulado, situado na cultura mesma e em sua tentativa desbussolada por fazer com ela, um laço.

Porém encontramos aí, também, fragmentos, ditos soltos, ilustrativos de um gozo autista riscando traços insistentes sem conseguir uma inscrição efetiva – regulatória - como na frase que escolhi como epígrafe, ou nessa: *“Sinto muitos calafrios, o corpo está tremendo/ me sinto muito alterado, sinto estar com cólicas/ De tanto que inalei, o nariz já está sangrando/ Porém a verdade me encanta, parece que ando voando”*.

Dizeres que se referem ao gozo, expressões - desamarradas de um discurso - da operação toxicômana “que não requer o corpo do Outro como metáfora do gozo perdido e é correlato de um rechaço mortal do inconsciente” (Tarrab, 2000, p.81) e do desejo. Esses traços do gozo autista que se fecha sobre si mesmo em seu circuito libidinal podem ser lidos como um escrito mesmo sem dirigir-se ao Outro? Talvez encontrando um analista que fazendo existir um Outro onde o objeto é colocado, inventando um Outro na contracorrente, faça ali, de seu ato, uma aposta.

Maria Wilma S. de Faria

Revisão: Pablo Sauce

* El Komander, “El taquicardio”, *Narcogobiernos*. Top 20, LA Disco Music, 2012.

** NT. Gênero musical popular do México, que narra episódios históricos ou lendários.

*** NT: compa: uma contração da palavra “compadre”

**** Calibre 50, “Qué tiene de malo”, *Contigo*, Universal, 2014.

***** El Komander, *Ibid.*

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TARRAB, M. “La sustancia, el cuerpo y el goce toxicômano”, en *Más allá de las drogas. Estudios psicoanalíticos*, La Paz, Plural, 2000.

DE UMA ADIÇÃO A OUTRA FROM ONE ADDICTION TO ANOTHER

Nelson Feldman (Genebra, Suíça)

Psicanalista. Membro da New Lacanian School (NLS) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), responsável pelo TyA em Genebra, atual Presidente do Bureau de l'Asreep-NLS, trabalha no Hospital Universitário de Genebra.

Resumo: O trabalho revisa a noção de “fixação” freudiana, para localizar o elemento em comum entre o sem números de adições existentes na atualidade.

Palavras-chave: psicanálise, adições, fixação, gozo.

Abstract: The paper deals with the concept of fixation in the freudian psychoanalysis in order to reveal the common element within the innumerable addictions of our times.

Keywords: psychoanalysis, addictions, fixation, jouissance

A proposta para este texto é abordar o conceito da *Fixierung* freudiana e de seus laços com as adições.

A fixação a uma fase libidinal foi uma das acepções do termo “*Fixierung*” em Freud (FREUD, 1905). Em psicanálise, o termo fixação caracteriza o modo de apego da libido à organização das fases da evolução segundo a teoria da sexualidade infantil presente no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. É nesse texto que Freud evoca a fixação oral, anal e fálica.

A fixação testemunha o peso do passado (regressão) e a dificuldade para descolar-se dele. Esse termo está mais presente na primeira tópica e na segunda é citado nas fases de regressão do tratamento psicanalítico. Esse conceito remete à predominância de um modo de satisfação, o que podemos transpor para certo modo de gozo.

Em seu texto de 1938 sobre os complexos familiares, Jacques Lacan evoca os impasses no complexo de *sevrage*: “o desmame é um traumatismo psíquico cujos efeitos individuais, anorexias mentais, toxicomanias orais, neuroses gástricas, revelam suas causas à psicanálise” (LACAN, 1984, p. 27-34). Por acaso essa não é uma maneira pela qual Lacan aborda a fixação oral? Ele faz referência ao “envenenamento lento de toxicomanias orais” e à anorexia mental como um retorno à mãe através da morte. Uma maneira de evocar certas formas clínicas com uma tendência mortífera.

DESLOCAMENTOS: DE UMA ADIÇÃO A OUTRA

Em certos casos, a constância do objeto de adição pode verificar-se com o consumo compulsivo de *um único tipo* de substância (“minha droga”). No entanto, atualmente, constata-se na clínica que os sujeitos aditos consomem várias substâncias em suas trajetórias aditivas ainda que uma delas possa ocupar o lugar principal.

Em outros casos, a constância pode referir-se a um *modo particular de consumo*: injetar-se nas veias, fumar ou inalar, beber ou cheirar.

Na Europa dos anos 80, a adição à heroína ocupou um lugar central na cena da toxicomania endovenosa. Posteriormente os consumos foram mudando e se estendendo a outras substâncias como a cocaína, inalada a

partir dos anos 90, e, a partir do ano 2000, a expansão das novas drogas sintéticas.

Em certas situações clínicas, um sujeito adito deixa de consumir uma substância da qual era dependente e os terapeutas que trabalham com ele podem pensar que o tratamento tenha sido eficaz. Porém, pouco tempo depois, comprova-se que, logo depois de ter deixado o álcool, o sujeito prossegue sua adição de outra maneira: com outra substância, com o uso compulsivo de tranquilizantes ou com outra adição. A adição foi *deslocada* de um objeto para outro, o tratamento pode ter favorecido uma mudança, porém a modalidade aditiva persiste de outra maneira. Pode-se por à prova se esta nova adição é menos autodestrutiva ou não, pois pode implicar algum tipo de deslocamento nos riscos e no modo de satisfação e de gozo, o qual deve ser analisado caso a caso.

No caso dos tratamentos de substituição com heroína sintética, os pacientes tratados nesses centros entram em um dispositivo médico de consumo regulado, e relatam que o efeito próprio da substância é muito menos intenso, apesar de uma pureza maior que a da droga da rua: não é o mesmo gozo, algo foi perdido (FELDMAN, 2014, p. 41- 44).

AS NOVAS ADIÇÕES

Em editorial da revista *La cause freudienne* sobre a experiência dos aditos, Marie-Hélène Brousse afirma que o significativo “adição está na boca de todos, brilha no discurso contemporâneo, substitui paixão ou hábito e é sintoma do imperativo de gozo” (BROUSSE, 2014, p.5-6). Ernesto Sinatra, com sua teorização a respeito da toxicomania “generalizada”, também nos aproxima dessa “multiplicação dos coquetéis infinitos de drogas oferecidos ao consumidor” (SINATRA, 2010, p. 13-14).

Na clínica se verifica uma nova apresentação de sujeitos que se apropriam desse significativo e procuram tratamento por “adições sem substância”: jogo patológico, ciber-adições, adições sexuais (*hypersexuality*), compras compulsivas, *workaholics*, dependências “afetivas”. É o campo que as recentes lições de TyA denominam as *adições*.

Qual é o ponto em comum dessas modalidades tão diversas? O gozo repetitivo é o ponto em comum que reúne modalidades tão diversas, com a queixa de perda de controle e o componente compulsivo. Em todas elas verifica-se um efeito no corpo através da sensação de gozo que proporcionam: o efeito de antecipação e excitação (*craving*), a tensão que precede a prática, seguida da sensação de descarga. O corpo participa de maneira diferente, pois não é comparável uma injeção endovenosa com uma máquina caça-níqueis. Porém, sim, há uma fixação a uma modalidade aditiva que remete a um circuito de gozo e à compulsão à repetição. Há então uma substância gozante (*substance jouissante*) ainda que se as denomine adições “sem substância”. Jacques-Alain Miller lembra que “o gozo repetitivo, o gozo da adição é o que Lacan denomina o *sinthome*, correlativo da adição” (MILLER, 2011, classe de 23 de março).

A função subjetiva para cada sujeito é o que permitirá precisar o singular dessa prática e a construção do caso. Essa clínica do caso a caso é o que permite não cair na generalização de um tratamento uniforme para todos. A clínica poderá avançar a partir dos significantes que cada sujeito traz em resposta à proposta do analista de trabalhar a partir de sua palavra. Para os sujeitos que consultam por uma mesma modalidade aditiva, a função pode ser muito diferente.

UM CASO

Mr L vem à consulta por uma “adição às imagens pornográficas”. Diretor de uma empresa, sente-se oprimido pela compulsão a olhar imagens homossexuais, não somente nos momentos livres, mas também em seu lugar de trabalho, durante as pausas, no sanitário, ou inclusive enquanto conduz seu veículo. A perda de controle em ficar vendo cada vez mais essas imagens, o impulsiona a consultar o analista. Vem com uma pergunta: por que essa fixação?

Há anos, fez uma escolha homossexual e mora com seu parceiro por quem se sente atraído, ainda que não tenha relações com a frequência que desejaria. Através do trabalho em sessão, rememora alguns detalhes familiares: seu irmão mais velho, com transtornos psíquicos severos, se masturbava em sua presença. O fato de falar dessa contingência não teve um efeito resolutivo, porém, sim, aportou ao sujeito, através do trabalho associativo, a possibilidade de abordar certa fixação a um gozo que o invade e de reconhecer certos significantes que puderam participar da escolha das imagens. Esse trabalho associativo traz um olhar sobre suas práticas e a compulsão repetitiva a esse modo de gozo. O esforço por falar e interrogar-se trouxe-lhe certo alívio e ajudou a atenuar o transbordamento pulsional. Ao mesmo tempo, revelar certo sentido não é resolutivo desse tipo de compulsão. Como assinala J.-A. Miller: “diferente do sintoma, o *sinthome* não é correlativo de uma revelação senão de uma constatação” (MILLER, 2011) e está por fora do saber e do sentido, dificuldade maior nesta clínica.

Resta outro ponto central: que tipo de gozo proporcionam essas imagens: aceder e realizar fantasias inconscientes, uma satisfação escópica através do olhar? A pulsão escópica tem seus pontos de fixação e um transbordamento pulsional. São questões a elucidar.

Como Freud assinala na *Interpretação dos sonhos*, sempre haverá um resto impossível a interpretar, “um ponto obscuro”, e esse resto de real por fora do sentido está presente na clínica das *adições* (FREUD, 1987, p. 446).

Tradução do espanhol: Pablo Sauce

Revisão: Maria Wilma S. de Faria

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROUSSE, M. H. “L’expérience des addicts ou le surmoi dans tous ses états”, en Revue La cause du désir, N° 88, Navarin Éditeur, 2014, p. 5-6.
FELDMAN, N. “Les lieux de la drogue: l’expérience suisse”, en Revue La cause du désir, N°88, Navarin Éditeur, 2014, p. 41-44.
FREUD, S. L’interprétation des rêves, chapitre VII, Presses universitaires de France, 1987, p. 446.
FREUD, S. “Los tres ensayos para una teoría sexual” (1905), en Obras completas, tomo II, Biblioteca Nueva, 1981, pp. 1169-1271.
LACAN, J. Les complexes familiaux, Navarin Éditeur, 1984.
MILLER, J.-A. “L’être et l’Un”, inédito, 2011.
SINATRA, E. ¿Todo sobre las drogas?, Grama Ediciones, 2010, p. 13-14.